

caes e gatos 40 anos

MEDICINA VETERINÁRIA

www.caesegatos.com.br

DC7
COMUNICA

Ano 42
nº 318
Fev/2026

ENTREVISTA

ARCHIVALDO RECHE JÚNIOR FALA SOBRE A IMPORTÂNCIA DO MANEJO CAT FRIENDLY DURANTE OS ATENDIMENTOS VETERINÁRIOS

ESPECIALIDADES

DAPP X DAC: COMO DIFERENCIAR QUADROS CLÍNICOS SEMELHANTES NA ROTINA VETERINÁRIA?

CLÍNICA MÉDICA
QUANDO NÃO HÁ CURA, CUIDADOS PALIATIVOS PODEM SER A RESPOSTA

POR DENTRO DOS CONSULTÓRIOS GERIÁTRICOS

EXPECTATIVA DE VIDA CADA VEZ MAIS ALTA DE CÃES E GATOS **REQUER CUIDADOS ESPECÍFICOS** PARA AS AFECÇÕES COMUNS AO ENVELHECIMENTO

Elanco

CHEGOU
Varenzin™



A **revolução** no tratamento da anemia relacionada à Doença Renal Crônica (DRC).

Varenzin™ é o **primeiro e único** da categoria que **estimula o organismo do gato a produzir sua própria eritropoetina (EPO)*** com um tratamento oral inovador.

-  **Conveniência:** solução oral que permite o tratamento em casa, pelo tutor, sem necessidade de injeções na clínica.
-  **Custo-benefício:** elimina custos e inconvenientes de agentes estimuladores de eritropoetina sem indicação para uso em felinos.
-  **Segurança:** desenvolvido especialmente para o organismo felino, oferece eficácia e segurança para o gato com anemia relacionada à DRC.



Varenzin™ é uma inovação no tratamento da anemia na DRC felina. **Saiba mais.**

Acesse:
ElancoVets
.com.br



*Versus administração de EPO recombinante humana.
Varenzin™, Elanco e o logotipo de barras diagonais são marcas registradas da Elanco ou de suas filiais. Todos os direitos reservados. PM-BR-24-1161.



FUNDADOR

Osvaldo Penha Ciasulli (MtB. 32.517)
osvaldo@dc7comunica.com.br

CEO

Diogo Ciasulli
diogo@dc7comunica.com.br

DIRETORA DE NEGÓCIOS

Jaqueline Ridolfi
jaqueline@dc7comunica.com.br

GERENTE DE COMUNICAÇÃO

Danielle Assis (MtB. 83.299)
danielle@dc7comunica.com.br

REPÓRTER WEB

Melissa Marques (MtB. 99.836)
melissa@dc7comunica.com.br
Rebecca Vettore (MtB. 81.085)
rebecca@dc7comunica.com.br

EDITOR DE ARTE

Daniel Guedes (MtB. 33.657)
daniel@dc7comunica.com.br

GERENTE ADMINISTRATIVO / RELACIONAMENTO COM CLIENTE

Bianca Fagundes
bianca@dc7comunica.com.br

SOCIAL MEDIA

Brenno Fressatto
brenno@dc7comunica.com.br

MARKETING

Raiane Modesto
raiane@dc7comunica.com.br

ADM/TRÁFEGO

Carolina Baggini
carolina@dc7comunica.com.br

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

Ana Falcão Gierlich, Ana Purchio,
CRMV-SP, Erika Pereira, Franciele Pavei,
Gabriela Mura, José Luiz Tejon, Julyenne
Christynne Escrivani Frasnelli, Monique
Paludetti, Priscila Marcondes Toinaki,
Stephany Rocha Ribeiro, Thais Ximenes

CIRCULAÇÃO DIRIGIDA

A Revista Cães&Gatos (ISSN 0103-278X) é uma publicação brasileira e mensal. Seu conteúdo editorial é focado na profissionalização do mercado pet. Os artigos assinados não expressam necessariamente a opinião dos editores. Não é permitida a reprodução parcial ou total dessa publicação, por qualquer meio, sem prévia autorização da editora, sob as penas de Lei registrada no Regime Especial DRT-1 nº 01391/90.

Periodicidade: Mensal



LONGEVIDADE EM PAUTA

A cada ano, a expectativa de vida de cães e gatos aumenta e fevereiro, amparado pela campanha Fevereiro Roxo Pet, é o mês dedicado ao cuidado com os animais de estimação idosos.

Sabendo disso, trouxemos, para esta edição, um panorama geral da saúde dos pets geriátricos, com foco na Síndrome da Disfunção Cognitiva, doença muito comum nessa fase.

Seguindo a temática, também preparamos uma matéria completa sobre cuidados paliativos, utilizados como forma de promover qualidade de vida a cães e gatos diagnosticados com enfermidades sem cura.

Este mês também conta com outra data importante: o Dia Mundial do Gato, celebrado em 17 de fevereiro. Para não deixar a comemoração passar em branco, na **Cães&Gatos** você encontrará matérias especiais sobre o universo dos felinos.

Entre elas, está a nossa entrevista do mês com Archivaldo Reche Júnior, que explicou todos os aspectos do manejo cat friendly, além de uma pauta exclusiva dedicada à importância da testagem para FIV e FeLV nos animais da espécie.

Para finalizar, na editoria pet food, o destaque vai para os riscos de contaminação nos alimentos destinados a cães e gatos e para as formas de prevenção, desde o processo de produção até o armazenamento em lojas e nas casas dos responsáveis.

Portanto, esta edição tem como foco a saúde em todas as etapas da vida dos pets, pautada pelas práticas da Medicina Veterinária preventiva e pelo acompanhamento profissional em cada fase.

Boa leitura!

Jaqueline Ridolfi
Diretora Comercial
e Editorial



» NO MIOLO

| RADAR PET

12 > URGÊNCIA PARA POUCOS

Estudo aponta que responsáveis subestimam a gravidade dos quadros clínicos dos cães

| PETBUSINESS

8 > O SEGREDO DO SUCESSO

Se destacar no mercado pet atualmente é um desafio, que requer conhecimento e estratégia dos gestores

| VETERIANÊS

18 > POR DENTRO DOS CONSULTÓRIOS GERIÁTRICOS

Longevidade de cães e gatos requer cuidados específicos para as afecções comuns ao envelhecimento

16 > DAPP X DAC

Como diferenciar quadros clínicos semelhantes na rotina veterinária?

24 > MIOU, TESTOU!

A importância dos testes diagnósticos para FIV e FeLV

32 > PALIATIVISMO

Quando não há cura, cuidados paliativos podem ser a resposta

46 > GASTROENTEROLOGIA

Os desafios da Torção Vólvulo Gástrica em cães

52 > PET SILVESTRE

A saúde começa pelo bico

| SEÇÕES

- » Editorial 3
- » On-line 6
- » Boletim Paulista 7
- » Guia Jurídico 27
- » Mercado 31
- » Marketing 37
- » Tejon 57



| PETFOOD

42 > SEGURANÇA ALIMENTAR TOTAL

PremieRpet investe em controle produtivo rigoroso

44 > MICOTOXINAS

Perigo invisível aos olhos

| OUTROS AUTORES

28 > FELINOS

Aprendizagem social de felinos filhotes e felinos idosos no treinamento para TAA

38 > PETISCOS PARA CÃES E GATOS

Um olhar crítico sobre implicações nutricionais e desafios regulatórios

48 > COMPORTAMENTO

Dor e alopecia psicogênica associados ao bem-estar qualidade de vida de felinos

50 > GAMBÁS

Mal compreendidos, mas indispensáveis ao ecossistema

| COBERTURA

54 > VMX 2026

Cães&Gatos alçando voos internacionais

| PONTO FINAL

58 > JULHO DOURADO

Mais um passo para o bem-estar animal

ENTREVISTA CAT FRIENDLY

Archivaldo Reche Júnior
fala sobre a importância
do manejo Cat Friendly
durante os atendimentos
veterinários



14



A MEDICINA
VETERINÁRIA
EM FORMA DE
NOTÍCIA.

 /revistacaesgatos  /@revistacaesgatos

 www.caesegatos.com.br

caes
e gatos

EVENTO INTERNACIONAL, HUMANIZAÇÃO, SAÚDE MENTAL E GATOS NOS HOLOFOTES DE JANEIRO

JANEIRO abriu o ano com uma agenda intensa para o universo pet, reunindo debates globais, tendências de mercado e temas ligados ao bem-estar emocional de cães e gatos. Ao longo do mês, a **Cães&Gatos** acompanhou pautas que reforçam a evolução do setor e a ampliação do olhar para a relação entre humanos e animais.

Entre os dias 17 e 21 de janeiro, realizamos a cobertura completa da programação científica da VMX 2026, uma das principais convenções internacionais da Medicina Veterinária. O evento reuniu profissionais de diferentes países para discutir avanços científicos, inovação, educação continuada e os rumos da prática veterinária,

consolidando-se como um termômetro global para o setor.

No campo do mercado pet, o mês trouxe reflexões sobre a humanização dos animais de estimação e o crescimento das famílias multiespécie. A pauta mostrou como esse movimento vem impactando o varejo, impulsionando o desenvolvimento de produtos e a oferta de serviços cada vez mais personalizados, alinhados ao estilo de vida dos responsáveis e às necessidades emocionais dos animais.

O período também foi marcado pelo Janeiro Branco, campanha tradicionalmente ligada à saúde mental humana, mas que ganhou espaço ao destacar a importância de observar o bem-estar emocional dos pets. Cientes da relevância do tema, abordamos em nosso portal os sinais de estresse, ansiedade e mudanças comportamentais em cães e gatos, reforçando o papel do responsável e do acompanhamento veterinário na promoção da saúde integral dos animais.

Além disso, algumas matérias se destacaram como as mais acessadas do site no período:

1 GATOS ESQUECEM SEUS RESPONSÁVEIS? ENTENDA COMO FUNCIONA A MEMÓRIA FELINA, SEGUNDO VETERINÁRIOS

A matéria esclareceu como funciona a memória dos gatos, desmistificando a ideia de desapego felino. Especialistas explicaram que esses animais são capazes de reconhecer pessoas, rotinas e experiências, criando vínculos que vão além do tempo de convivência diária.



2 GATA "LADRA" VIRA ATRAÇÃO AO CRIAR BRECHÓ COM OBJETOS FURTADOS DA VIZINHANÇA

Com tom leve e curioso, a reportagem contou a história de uma gata que ganhou notoriedade ao "coleccionar" objetos da vizinhança. O comportamento inusitado viralizou e despertou discussões sobre instinto, enriquecimento ambiental e convivência comunitária.



3 BANHO EM GATOS: PERMITIDO OU NÃO?

Entre dúvidas comuns dos responsáveis, o tema trouxe orientações de veterinários sobre quando o banho é indicado, quais cuidados devem ser tomados e como respeitar as características naturais dos felinos, sempre priorizando o bem-estar do animal.





A premiação ocorreu em dezembro de 2025

Profissionais premiados

EM DEZEMBRO de 2025, o CRMV-SP realizou a cerimônia de premiação e reconheceu médicos-veterinários e zootecnistas que se destacaram ao longo do ano por suas contribuições científicas, acadêmicas, sanitárias e profissionais.

O evento celebrou quatro categorias de destaque. O Prêmio Ernani Ibirá Gonçalves, voltado à Defesa Sanitária Animal, foi concedido ao médico-veterinário Márcio Garcia Ribeiro, pela atuação em sanidade animal e políticas públicas para controle e erradicação de doenças. Já o Prêmio Walter Maurício Corrêa,

que homenageia o Ensino da Medicina Veterinária, contemplou Juliany Gomes Kitzan, reconhecida por sua dedicação como docente e pela trajetória na formação de novos profissionais.

Na categoria Ensino da Zootecnia, o Prêmio Mateus José Paranhos da Costa foi entregue a Ciniro Costa, que soma 46 anos dedicados ao ensino, pesquisa e extensão. Por fim, o Prêmio René Corrêa, voltado ao Empreendedorismo, destacou o zootecnista Paulo Marcelo Tavares Ribeiro, pelo papel relevante no fomento ao empreendedorismo e pelo impacto positivo na formação de novas gerações.

A premiação reafirma o compromisso do CRMV-SP em reconhecer profissionais que fazem a diferença na Medicina Veterinária e na Zootecnia.

Adesão voluntária ao DT-e

O DOMICÍLIO Tributário Eletrônico (DT-e), previsto na Resolução CFMV nº 1.563/2023, já é o canal oficial para notificações, intimações e demais atos do Sistema CFMV/CRMVs. A adesão é obrigatória e os profissionais têm até 30 de janeiro de 2026 para se credenciar voluntariamente pelos Serviços On-line do CRMV-SP: www.crmvsp.gov.br.

Após essa data, o cadastro será automático, com base nos dados já existentes

no Conselho, mesmo que não estejam atualizados, o que pode comprometer o recebimento das notificações. Por isso, aproveite o prazo para conferir seus contatos principais de e-mail e telefone.

Todas as comunicações oficiais serão enviadas exclusivamente pelo DT-e, com aviso por e-mail, e são consideradas lidas após 10 dias do envio. Atualize seus dados e evite problemas.



Saúde mental em destaque

O INFORMATIVO CRMV-SP chega à sua 100ª edição com um tema essencial: saúde mental. A reportagem especial aborda estratégias para preservar o bem-estar emocional na Medicina Veterinária e na Zootecnia, traz entrevistas com psicólogos e orientações para enfrentar os desafios da profissão sem comprometer a própria qualidade de vida.

A edição antecipa tema de projeto que será desenvolvido ao longo de 2026 e cuja programação será divulgada em breve. O Informativo CRMV-SP traz, ainda, as principais mudanças da nova resolução de Publicidade do CFMV, já em vigor.



Alerta sobre esporotricose

O CRMV-SP emitiu nota técnica sobre o crescimento preocupante da esporotricose no estado de São Paulo. A zoonose, causada por fungos do gênero *Sporothrix*, afeta principalmente os gatos e já representa um desafio sanitário urbano com impacto na saúde animal e humana.

Entre 2022 e 2023, os casos confirmados em animais subiram de 2.417 para 3.309, indicando expansão territorial para municípios da Região Metropolitana e litoral. Em humanos, os registros também aumentaram, levando a doença a integrar, desde 2025, a lista nacional de notificação compulsória.





O SEGREDO DO SUCESSO

COM 287.363 MÉDICOS-VETERINÁRIOS E 35.049 CLÍNICAS VETERINÁRIAS REGISTRADAS NO BRASIL,
SE DESTACAR NO MERCADO PET ATUALMENTE É UM DESAFIO, QUE REQUER CONHECIMENTO E ESTRATÉGIA DOS GESTORES

› DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br

Mercado de trabalho concorrido, clínicas e hospitais para todos os lados e centenas de médicos-veterinários

se formando a cada ano. Esse cenário representa um verdadeiro desafio para os profissionais que querem investir no seu próprio negócio e se destacar.

Para complementar, mais um aspecto complicador é a dificuldade de sair do papel de clínico para assumir a função de administrador, que engloba uma série de atividades que não foram estudadas durante a graduação.

Porém, ainda assim, muitos veterinários alcançam sucesso, mas qual é o segredo para essa conquista? Para o médico-veterinário pós-graduado em Cirurgia e Anestesia veterinária, formado em MBA executivo na Fundação Dom Cabral e pós-MBA na Universidade de Oxford e executivo na EloVetNet e na VetFamily, Fabiano de Granville Ponce, a qualidade técnica ainda é o principal diferencial.

“De uns anos pra cá, a qualidade técnica soma-se a necessidade de oferecer ao cliente - antigo tutor e agora chamado de responsável - uma ótima experiência em toda sua jornada”, relata.

Ter essa qualidade técnica é algo relativamente simples para quem escolheu cuidar dos animais, o que não necessariamente torna essa pessoa boa para as áreas de gestão do negócio.

Por conta disso, Fabiano comenta que o administrativo de uma clínica ou hospital veterinário deve ser realizado por um profissional com conhecimento em finanças e dedicado a isso.

“É difícil o veterinário ser dono do negócio, atender os clientes no pet shop, realizar as finanças, negociar com fornecedor, calcular folha de pagamento, etc. Finanças bem feitas devem ter Demonstração de Resultado do Exercício (DRE), fluxo de caixa, capital de giro, dividir a clínica em unidades de negócios (cirurgia, internação, banho e tosa, atendimento, laboratório, especialidades e mais), entender quais são os lucros e prejuízos, além de saber o custo de cada um de serviços para poder trabalhar com margem”, pontua.

Se a ideia é aprender um pouco de tudo, o profissional comenta que atualmente existem ótimos cursos de gestão nas principais escolas de negócios. Segundo ele, as formações possuem diferentes cargas horárias e são indicadas para variados momen- »



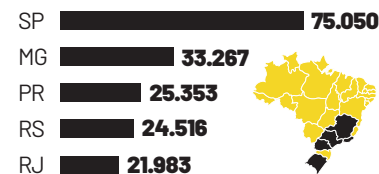
MEDICINA VETERINÁRIA EM NÚMEROS

De acordo com dados do Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV), atualmente, o Brasil possui:

287.363

médicos-veterinários registrados no órgão. Desses, **217.926** estão atuantes no país.

Estados que mais têm profissionais registrados:



Em 2026, estão em funcionamento no Brasil:

35.049
clínicas veterinárias
17.490
pet shops
10.599
consultórios
1.405
hospitais
178
ambulatórios



tos profissionais - do júnior ao sênior.

“Há, também, cursos voltados diretamente para o mercado pet, mas com uma diversidade menor”, declara.

NA PONTA DO LÁPIS. O financeiro precisa estar bem alinhado para que um negócio dê lucro e prospere. No entanto, muitos são os erros que podem prejudicar as contas. Dentre eles, precificação inadequada, investimentos acima do previsto e até contratações mal feitas.

Para Ponce, o principal ponto de atenção é que o gestor não costuma fazer contas antes de uma contratação ou de um investimento em equipamento. “Naturalmente, a principal preocupação com relação ao negócio tem que ser a qualidade assistencial, mas também é preciso considerar a saúde financeira da empresa”, afirma.

Já a precificação é uma arte e um grande desafio, muitas vezes, menosprezado pelos gestores de clínicas e hospitais.

Fabiano relata que comumente a precificação é feita apenas pesquisando o preço praticado pelo concorrente. Contudo, para a realizar da forma adequada é preciso saber qual o real valor do serviço, ou seja, quanto custa uma consulta para o gestor, por exemplo.

Ao saber desse custo é possível trabalhar com uma margem de lucro sabida e a soma será o preço da consulta ao consumidor final. O problema é que poucos

ou nenhum administrador faz isso.

“Ademais, a precificação também é uma ferramenta de segmentação e posicionamento. Com que público você quer trabalhar? Se for um público de melhor poder aquisitivo, em teoria, é possível praticar preços mais elevados. Como quer ser reconhecido pelo mercado? Se como local de excelência, essa estrutura e mão de obra são mais caras e seu preço final também aumenta. Além disso, valores baixos dão ao consumidor a percepção de serviço de pior qualidade”, aconselha.

MARKETING COMO ALIADO. O marketing é, hoje, uma ferramenta indispensável para qualquer negócio e pode ser realizado de diversas maneiras no setor pet. O tradicional boca a boca ainda tem o seu valor e pode ser um aliado, mas também um desafio.

De acordo com Fabiano, quando acontece, é resultado de um bom trabalho. Porém, sempre que uma pessoa vai a um estabelecimento por indicação, a sua expectativa costuma estar alta e a dificuldade é corresponder às expectativas para que o novo cliente saia com uma percepção positiva.

Mesmo o boca a boca sendo um tipo de marketing orgânico, existem outras ferramentas que podem ser utilizadas de maneira mais direcionada.

Um exemplo são as redes sociais, que quando bem administradas e tendo profissionais capacitados para avaliar a sua performance, valem a pena. “Entretanto, temos que destacar que investir no ambiente digital está cada vez mais caro e trazendo retornos cada vez mais complexos, fazendo com que, muitas vezes, a conta não feche”, pontua o especialista.

Além disso, sobre o marketing digital, Ponce declara que é importante ter clareza sobre o que se deseja divulgar, como irá fazer isso e quem é o público-alvo.

Deve-se, ainda, sempre mensurar e acompanhar quantos novos clientes as redes sociais trazem e tomar cuidado com os conteúdos divulgados, dando preferência apenas para assuntos profissionais e deixando de lado a vida pessoal.

Já quando uma reclamação che-

ga, o manejo da crise deve ser realizado de forma adequada e visando melhorar a experiência do cliente.

“Sobre isso, a primeira dica é que a maioria dos clientes que reclama quer continuar com você e muitas das reclamações podem fazer sentido. Portanto, podemos entendê-las como uma consultoria gratuita. O simples ato de ouvir o cliente já significa muito para ele e, se tivermos que corrigir algo, passar para o responsável pelo animal toda a cronologia do que será feito. Para completar, nunca discuta nas redes sociais”, aconselha.

SE ADAPTANDO ÀS DEMANDAS. O mercado veterinário mudou e a forma como a gestão das clínicas e hospitais era feita há alguns anos atrás pode não se adaptar à realidade atual.

Um exemplo é a expansão dos convênios e seguros para pets, que cada vez mais têm sido escolhidos pelos responsáveis para garantir aos animais de estimação acesso mais acessível aos serviços veterinários. “Os convênios são uma demanda do cliente e o grande cuidado ao optar por atender animais conveniados é não ficar refém de algum plano de saúde. Ou seja, evitar ao máximo que 50% do faturamento da sua clínica seja proveniente de um determinado plano”, explica o veterinário.

Ainda conforme cita, a vantagem dos convênios é que eles, de fato, diminuem a ociosidade das clínicas e hospitais. Por outro lado, o repasse ao estabelecimento demora até 45 dias para ser realizado e, quase sempre, é um valor muito abaixo do cobrado do cliente particular.

Já para atrair novos clientes, é preciso ficar de olho nas tendências de mercado, que podem gerar oportunidades de faturamento. “Ultimamente, estão cada vez mais recorrentes os meses com cores, como o Outubro Rosa, por exemplo. Essa é uma ótima oportunidade para gerar conteúdo informativo de qualidade sobre o assunto e, ainda, atrair clientes que se identificaram com o tema e buscam formas de prevenção e tratamento para diferentes enfermidades”, conclui. ■



Para **Fabiano de Granville Ponce**, a qualidade técnica ainda é indispensável nos negócios veterinários

FÓRMULA NATURAL



VET CARE



HIPOALERGÊNICA

Seco
2kg / 10,1kg



Fórmula Natural Vet Care Hipóalergênica é um alimento coadjuvante que tem por objetivo colaborar para o diagnóstico e tratamento de cães com hipersensibilidade alimentar.

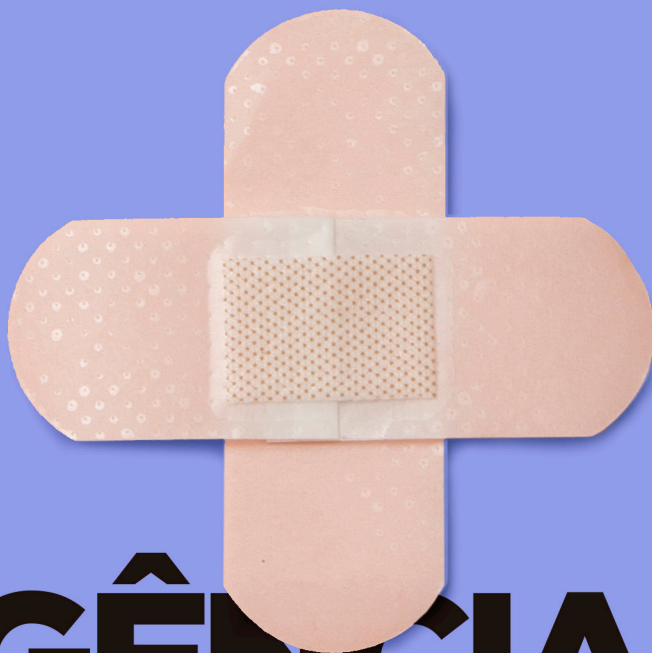


Este produto não substitui o tratamento convencional.



Conheça a linha completa
Fórmula Natural Vet Care

Facebook and Instagram icons @formulanaturaloficial
www.formulanatural.com.br



URGÊNCIA PARA POUCOS

ESTUDO DA ROYAL VETERINARY COLLEGE APONTA
QUE RESPONSÁVEIS POR CÃES **SUBESTIMAM A
GRAVIDADE DOS QUADROS CLÍNICOS DE SEUS PETS**

» DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br

A percepção da importância de determinados problemas é fundamental para levar as pessoas a tomarem decisões sobre eles. Essa dinâmica é observada em diferentes situações e, também, pode ser aplicada à forma como os responsáveis reagem às alterações na saúde dos cães.

Sabe-se que o conhecimento e as percepções dos cuidadores são considerados influências-chave na busca por atendimento veterinário. Mas até que ponto existe senso de urgência ou discernimento quanto à gravidade de uma condição?

Para explorar esse questionamento, o Royal Veterinary College (RVC) realizou

uma pesquisa no Reino Unido com 1.722 responsáveis por cães. No país existem aproximadamente 10,6 milhões de cães de estimação e cerca de 28% da população adulta possui um animal da espécie.

A proposta foi avaliar especificamente a capacidade dos responsáveis de identificar enfermidades a partir de mudanças observadas na condição física e/ou no comportamento mental do cão, além de analisar o prazo para buscar atendimento veterinário.

O estudo, publicado em janeiro de 2026, foi conduzido por meio de um questionário online e baseado em vinhetas com históricos clínicos anonimizados, que descreviam doenças caninas

comuns na prática veterinária geral.

Ao visualizar as informações, os participantes deveriam indicar três aspectos: 1) a condição que acreditavam que o cão apresentava; 2) a urgência percebida para buscar atendimento veterinário; e 3) as fontes de informação utilizadas para embasar suas decisões.

SINAIS VISÍVEIS, PERCEPÇÃO APURADA.

A pesquisa demonstrou que doenças com sinais clínicos claros, como epilepsia, tosse dos canis e infestação por pulgas, são identificadas com maior precisão. Por outro lado, condições que não são claramente visíveis, como glaucoma e ingestão de corpo estranho gastrointestinal, são menos notadas.

Contudo, mesmo nas afecções fáceis de identificar, a urgência em procurar atendimento veterinário foi subestimada. Os resultados mostram que, em mais de um quarto das respostas (28,4%), os participantes classificaram a situação como menos urgente do que um profissional da área recomendaria.

Além disso, quando questionados sobre as ferramentas usadas para buscar informações quanto à saúde de seus pets, 73,7% dos entrevistados afirmaram confiar em seu próprio conhecimento, 61,1% entram em contato com a clínica veterinária local e 49,2% realizam buscas na internet.

Já 21,1% dos responsáveis por animais que possuem doenças crônicas afirmaram participar de grupos online relacionados à saúde canina. Entre os fatores que influenciaram a escolha da fonte de informação estavam a reputação (66,8%), a veracidade dos fatos (65,6%) e a disponibilidade (39,5%).

Os responsáveis que buscaram informações em grupos online sobre a saúde de seus cães apresentaram probabilidade 0,50 vezes menor de considerar os cenários hipotéticos menos urgentes do que a avaliação dos veterinários.

Por outro lado, os que teriam entrado em contato com uma clínica veterinária para obter auxílio com as respostas aos cenários hipotéticos relataram probabilidade 0,40 vezes menor.

FAIXA ETÁRIA TEM INFLUÊNCIA. A pesquisa demonstrou que a faixa etária dos responsáveis pelos cães pode interferir na facilidade de reconhecer as

afecções e buscar ajuda profissional.

Os participantes mais jovens, com idade entre 18 a 24 anos, foram os mais precisos na identificação das condições, possivelmente devido à maior familiaridade com a busca de informações online. Já os responsáveis por cães de primeira viagem estiveram entre os mais propensos a usar a internet para pesquisar sobre a saúde de dos seus pets, totalizando 65,2%.

Com base em todas as informações coletadas, os resultados do estudo sugerem que a capacidade dos responsáveis por cães no Reino Unido de identificar com precisão as condições de saúde de seus animais, e a tomada de decisões sobre a urgência da busca por atendimento veterinário são variáveis e, muitas vezes, deficientes.

“Embora alguns responsáveis tenham demonstrado habilidade em identificar certas condições, uma grande porção subestimou o prazo necessário para buscar atendimento veterinário, contradizendo as avaliações dos profissionais, o que não estava relacionado à capacidade dos cuidadores de identificar a condição específica que afetava o cão em questão”, citaram os autores.

O RVC alertou que subestimar uma emergência de saúde pode representar um sério risco ao bem-estar animal, levando ao atraso ou à ausência de tratamento, ao sofrimento prolongado e até mesmo à morte.

“Este estudo destaca uma lacuna no bem-estar animal entre o que os responsáveis por cães observam e como eles percebem a necessidade de cuidados veterinários. Compreensivelmente, problemas de saúde sem sinais clínicos externos óbvios são os que correm maior risco de ter a necessidade de tratamento urgente subestimada”, afirmou Rowena Packer, professora sênior de Comportamento e Bem-Estar de Animais de Companhia no RVC e autora principal do artigo. ■



ALGUNS NÚMEROS

A pesquisa foi realizada pelo Royal Veterinary College (RVC), com 1.722 responsáveis por cães no Reino Unido.

Ferramentas usadas pelos participantes para buscar informações sobre a saúde dos pets

73,7%

dizem confiar em seu próprio conhecimento

61,1%

entram em contato com uma clínica veterinária

49,2%

realizam buscas na internet

21,1% dos responsáveis por animais que possuem doenças crônicas afirmaram participar de grupos online relacionados à saúde canina.

Entre os fatores que influenciaram a escolha da fonte de informação estavam:

66,8%

Reputação

65,6%

Veracidade dos fatos

39,5%

Disponibilidade

Os **responsáveis de primeira viagem** são os mais propensos a usar a internet para pesquisar sobre a saúde de seus cães:

65,2%



MANEJO CAT FRIENDLY REDEFINE O ATENDIMENTO DE FELINOS NOS CONSULTÓRIOS

» DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br

Quem atua na Medicina Veterinária há, pelo menos, mais de dez anos, com certeza já vivenciou a época em que os gatos eram tratados como “pequenos cães” dentro dos consultórios. Essa percepção não somente comprometia a qualidade dos atendimentos, como também podia gerar traumas e complicações nos quadros médicos dos felinos.

Foi a partir desse conhecimento que surgiu a Cat Friendly Practice, um movimento mundial criado para tornar o atendimento veterinário menos estressante. O programa foi estabelecido pela Feline Veterinary Medical Association e pela International Cat Care, tendo como finalidade melhorar o ambiente e a experiência dos animais, além de reduzir o estresse para os felinos, responsáveis e toda a equipe veterinária.

Segundo estudos, as práticas cat friendly são capazes não somente de promover mais bem-estar aos gatos, como também melhorar a performance das clínicas veterinárias. Pesquisas apontam, ainda, que através delas os animais realizam uma média maior de consultas por ano e é possível executar um número mais elevado de exames e alcançar diagnósticos mais concretos.

Dados esses resultados, pouco a pouco o ma-

nejo cat friendly foi se expandindo por todo o mundo, ultrapassando as barreiras internacionais.

Hoje, no Brasil essas práticas já são uma realidade e para falar um pouco sobre o tema conversamos com Archivaldo Reche Júnior, médico-veterinário, professor titular da FMVZ-USP e clínico com atuação exclusiva em Medicina Felina.

O profissional é popularmente conhecido como Valdo Felinos e tem como foco bem-estar, manejo adequado e cuidado de doenças comuns da espécie, além de ser especialista em felinos pelo American Board of Veterinary Practitioners (ABVP).

Revista Cães&Gatos - Como surgiram as práticas cat friendly?

Archivaldo Reche Júnior - As práticas cat friendly surgiram quando começou a ficar claro que os gatos sofrem muito mais estresse em ambientes veterinários do que se imaginava. Essa abordagem começou a ganhar força a partir dos anos 2000 e se intensificou nos últimos 10 a 15 anos, principalmente com iniciativas internacionais voltadas ao bem-estar felino.

Qual a base do manejo cat friendly? A base é respeitar o comportamento natural do gato, reduzindo medo e estresse. A prática também

oferece previsibilidade ao atendimento e evita o uso de força desnecessária, priorizando o bem-estar do animal.

Quais os benefícios do manejo cat friendly? Para o gato, há redução do medo e experiências menos traumáticas. Para o veterinário, garante atendimentos mais tranquilos, exames mais confiáveis, menor risco de acidentes e melhor adesão do responsável pelo animal.

Como amenizar o estresse dos felinos antes do atendimento? Algumas ferramentas podem ser empregadas para minimizar o estresse dos gatos previamente ao atendimento veterinário. Dentre elas, estão acostumar o animal à caixa de transporte, evitar jejum desnecessário e, em alguns casos, utilizar medicação ansiolítica antes da ida ao veterinário. Outra alternativa é o uso de feromônios artificiais, que são desenvolvidos com substâncias químicas capazes de imitar os feromônios naturais produzidos pelos felinos e transmitem sensações de bem-estar e calma, sendo bons complementos para um manejo adequado.

Quais os principais gatilhos estressores para gatos nas clínicas e hospitais veterinários? Os consultórios veterinários são ambientes que abrigam diferentes agentes estressores para os felinos. Os mais comuns são cheiros fortes, sons altos, manipulação excessiva e a presença de outros animais no espaço. O fato de serem locais desconhecidos também é ruim, visto que a espécie felina é rotineira e territorialista, podendo se sentir insegura fora do seu território comum.

No caso de consultórios mistos, no qual são atendidos cães e gatos, como minimizar o estresse do felino? O mais indicado é separar áreas de espera para evitar que os felinos tenham contato com os cães, seja visualmente ou através de odores. Outro cuidado é o de priorizar determinados horários para os gatos e, sempre que possível, levá-los rapidamente para a sala de atendimento, evitando longos períodos de espera.

Como preparar o consultório para um atendimento cat friendly? O consultório veterinário deve ser um am-



“A BASE DO MANEJO CAT FRIENDLY É RESPEITAR O COMPORTAMENTO NATURAL DO GATO, REDUZINDO MEDO E ESTRESSE”

biente calmo e silencioso. Nele é indicado ter toalhas macias e superfícies antiderrapantes para um manejo mais eficiente dos felinos. Também é recomendado manter os materiais organizados para uma maior agilidade durante o atendimento.

Deixar o felino explorar o consultório antes do exame físico é algo positivo? Quais os benefícios? Sim, ao deixar o gato explorar o ambiente é possível reduzir a sensação de medo e, consequentemente, o estresse, além de facilitar o exame físico.

Como realizar um exame físico sem estresse e tranquilo em gatos? O exa-

me físico deve ser feito de forma gradual e sempre respeitando os limites do paciente. Caso seja necessário, é importante fazer pausas para não elevar o nível de estresse e desconforto do felino.

Quais as formas de contenção adequadas e indicadas para felinos? O ideal é realizar o mínimo possível de contenção e sempre deve-se priorizar o conforto e a segurança do paciente durante o atendimento. Caso seja necessário fazer a contenção, é indicado o uso de toalhas macias e apoio do corpo.

Como não deve ser a contenção de gatos nos consultórios? É fundamental evitar o uso de força excessiva e imobilizações desnecessárias durante o atendimento de felinos. Além disso, também não se deve insistir na contenção quando o animal estiver muito estressado para evitar traumas e até alterações em exames.

Durante as coletas de exames, como minimizar o estresse dos pacientes? Previamente a coleta dos exames deve-se deixar todos os materiais preparados para que o procedimento ocorra de maneira rápida e sem intercorrências. Durante a coleta em si é indicada contenção suave do paciente e, se o mesmo apresentar estresse intenso, é importante a interromper imediatamente.

Quando é indicado o uso de medicamentos para manejo de ansiedade, como a gabapentina, antes do atendimento? As medicações são recomendadas para felinos com histórico de medo intenso, comportamento protetivo ou experiências negativas anteriores durante atendimentos realizados. Citando especificamente a gabapentina, o medicamento deve ser administrado cerca de três horas antes do gato sair de casa em direção ao consultório.

Em quais situações é recomendada a sedação do animal para atendimento? A sedação é indicada quando o animal apresenta comportamento protetivo extremo, dor intensa ou quando há a necessidade de realizar procedimentos invasivos. Sedar é uma forma de cuidado e uma ferramenta importante no atendimento cat friendly. ■



DAPP x DAC: COMO DIFERENCIAR QUADROS CLÍNICOS SEMELHANTES NA ROTINA VETERINÁRIA?

COM MANIFESTAÇÕES CLÍNICAS SOBREPOSTAS, AS CONDIÇÕES REPRESENTAM UM DESAFIO DIAGNÓSTICO COMUM NA DERMATOLOGIA VETERINÁRIA E **DEMANDAM ABORDAGEM CRITERIOSA PARA DEFINIÇÃO DA CONDUTA ADEQUADA**

» **MELISSA MARQUES**

melissa@dc7comunica.com.br

Entre as principais causas de prurido em cães atendidos na clínica de pequenos animais, a Dermatite Alérgica à Picada de Pulgas (DAPP) e a Dermatite Atópica Canina (DAC) se destacam tanto pela alta prevalência, quanto pelo desafio diagnóstico que representam. Ambas as condições cursam com inflamação cutânea, coceira intensa e lesões secundárias, o que frequentemente leva à confusão diagnóstica na avaliação inicial, sobretudo quando o histórico do paciente é limitado ou quando há doenças concomitantes.

Apesar das semelhanças clínicas, DAPP e DAC apresentam etiologias distintas, mecanismos fisiopatológicos diferentes e estratégias diagnósticas específicas, tornando essencial a diferenciação correta para o sucesso terapêutico e controle a longo prazo.

POR QUE DAPP E DAC PODEM SER CONFUNDIDAS PELO CLÍNICO? A principal razão para a confusão entre DAPP e DAC está no fato de que ambas são enfermidades alérgicas mediadas por hipersensibilidade, com o prurido como sinal clínico predominante.

Além disso, as lesões observadas na pele são, em grande parte, secundárias ao ato de coçar, morder ou lamber, o que reduz a especificidade dos achados dermatológicos. “Na prática clínica, muitos cães chegam com lesões já crônicas, piodermites secundárias e áreas extensas de alopecia, o que dificulta a identificação da causa primária do prurido logo na primeira consulta”, declara Larissa Freitas, médica-veterinária pós-graduada em Dermatologia e Alergologia.

Outro fator relevante é que cães com DAC podem apresentar DAPP concomitante, já que a barreira cutânea comprometida nos pacientes atópicos facilita a sensibilização a antígenos salivares de pulgas, agravando o quadro clínico.

DERMATITE ALÉRGICA À PICADA DE PULGAS. A DAPP é uma reação de hipersensibilidade aos antígenos presentes na saliva das pulgas. Em cães sensibilizados, uma única picada é suficiente para desencadear resposta inflamatória intensa, mesmo na ausência de infestação visível.

Clinicamente, a coceira costuma ser intensa e localizada, com predileção por regiões como lombo-sacral, base da cauda, face caudal das coxas e abdômen ventral.

Eritema, pápulas, crostas, alopecia autoinduzida e piodermite superficial secundária são achados frequentes, especialmente em quadros crônicos. “É comum o responsável afirmar que não vê pulgas, mas isso não exclui DAPP. Muitos animais são alérgicos a níveis mínimos de exposição, e o uso irregular de ectoparasiticidas pode mascarar a infestação, sem eliminar o estímulo antigênico”, ressalta Larissa.

DERMATITE ATÓPICA CANINA. A DAC é considerada uma doença inflamatória crônica da pele, de base genética, associada à disfunção da barreira cutânea e à resposta imune exacerbada frente a alérgenos ambientais, como ácaros da poeira domiciliar, pólenes e fungos.

Diferentemente da DAPP, o prurido na DAC tende a ser generalizado ou multifocal, com envolvimento frequente de face, pavilhões auriculares, espaços interdigitais, axilas e regiões inguinais.

O início dos sinais, geralmente, ocorre em animais jovens, entre seis meses e três anos de idade, e pode ser sazonal ou não, dependendo do perfil alérgenico envolvido. “A coceira nas patas, o ato constante de lamber os membros e a recorrência de otites externas devem sem-

pre levantar a suspeita de Dermatite Atópica, principalmente quando o controle rigoroso de pulgas não resulta em melhora clínica significativa”, alerta a especialista.

DIAGNÓSTICO DIFERENCIAL E ESTRATÉGIAS PARA MAIOR ASSERTIVIDADE.

Não existe um teste isolado capaz de confirmar DAPP ou DAC de forma definitiva. O diagnóstico, em ambos os casos, baseia-se em uma abordagem sistemática, que envolve anamnese detalhada, exame físico criterioso e exclusão de outras causas de prurido.

Na suspeita de DAPP, a avaliação inclui histórico de controle de ectoparasitas, identificação de pulgas ou fezes de pulga e, principalmente, resposta clínica ao controle antipulgas rigoroso, instituído de forma contínua e ambiental.

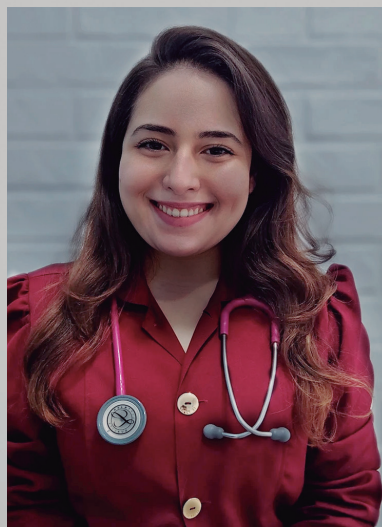
Já o diagnóstico da DAC é essencialmente clínico e por exclusão, após afastar DAPP, ectoparasitoses, infecções bacterianas e fúngicas, além de reações adversas a alimentos.

Testes alérgicos intradérmicos ou sorológicos podem ser utilizados como ferramentas complementares, sobretudo para orientar imunoterapia específica, mas não devem ser interpretados de forma isolada. “O erro mais comum é tentar confirmar atopia sem antes controlar completamente a DAPP. Sem eliminar o estímulo das pulgas, qualquer avaliação de resposta terapêutica ou investigação alérgica fica comprometida”, aconselha Larissa Freitas.

A distinção entre DAPP e DAC é fundamental não apenas para o controle dos sinais clínicos, mas também para o planejamento terapêutico a longo prazo.

Enquanto a DAPP pode ser controlada de forma eficaz com prevenção antipulgas contínua e manejo ambiental adequado, a DAC exige uma abordagem multimodal, frequentemente envolvendo terapias imunomoduladoras, controle de infecções secundárias e restauração da barreira cutânea.

Reconhecer as particularidades de cada enfermidade permite ao médico-veterinário estabelecer estratégias mais precisas, melhorar a qualidade de vida do paciente e alinhar expectativas realistas com os responsáveis, especialmente em doenças de caráter crônico. ■



Larissa Araújo Freitas, médica-veterinária pós-graduada em Dermatologia e Alergologia pela Anclivepa-SP e em Nutrição pela Qualittas



POR DENTRO DOS CONSULTÓRIOS GERIÁTRICOS

SÍNDROME DA DISFUNÇÃO COGNITIVA, NEOPLASIAS E DOENÇAS ARTICULARES SÃO COMUNS EM ANIMAIS IDOSOS, QUE REQUEREM CUIDADOS E ACOMPANHAMENTO ESPECÍFICOS PARA MAIOR QUALIDADE DE VIDA E LONGEVIDADE

► DANIELLE ASSIS, DA REDAÇÃO
danielle@dc7comunica.com.br

Os pets estão vivendo cada vez mais e a expectativa de vida elevada está relacionada a diversos fatores. Um dos principais motivos para isso é a mudança no estilo de vida dos cães e gatos, gerada pela intensificação da relação ser humano-animal.

“Se há alguns anos atrás os cães eram animais de quintal e os gatos alternavam entre morar na casa e passar a noite na rua, hoje eles têm casa, comida e muitos mimos. O avanço das pesquisas na Medicina Veterinária e o acesso à informação também fez com que esses pets pudessem viver mais. Isso está relacionado às ferramentas de prevenção e até aos cuidados com a alimentação”, explica a médica-veterinária pós-graduada em Clínica Médica de Pequenos Animais, Geriatria e Neonatologia Veterinária e 1ª tesoureira da Sociedade Brasileira de Geriatria Veterinária (SBGV), Fernanda Carolina Farias Bezerra.

No entanto, se por um lado a longevidade é positiva, por outro requer cuidados específicos, especialmente devido ao surgimento de doenças frequentes da idade avançada.

Dentre as afecções mais recorrentes da fase sênior está a Síndrome da Disfunção Cognitiva (SDCC) – conhecida popularmente como Alzheimer canino ou felino – responsável por causar degeneração cerebral exacerbada.

“A fisiopatologia da doença, apesar de muito estudada, ainda é incerta em muitos pontos. Nela podem ocorrer mudanças orgânicas como alterações vasculares, dilatação dos ventrí-

culos, áreas com cicatriz glial e espessamento meníngeo”, afirma Gabriel Castanho, médico-veterinário pós-graduado em Neurologia Canina e Felina e em Geriatria e Neonatologia Veterinária e membro da Associação Brasileira de Neurologia Veterinária (ABNV).

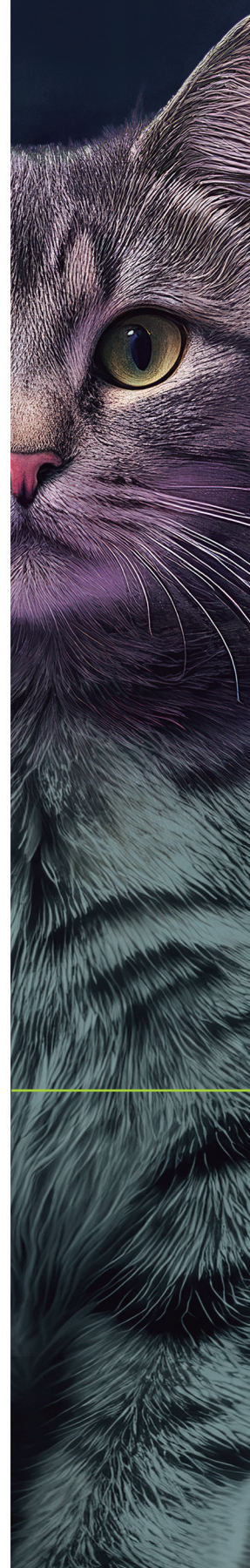
Devido aos sinais clínicos semelhantes, a síndrome é comumente comparada ao Alzheimer em humanos. Todavia, as enfermidades apresentam algumas diferenças patológicas.

Gabriel explica que no Alzheimer há, principalmente, a ação de duas proteínas: beta-amiloide e tau. Ambas são proteínas proeminentes na doença e têm efeito neurotóxico. “Na SDCC, assim como no Alzheimer, temos a presença das proteínas beta-amiloide no encéfalo do paciente. Porém, o que difere uma doença da outra é a ausência de acúmulo de proteínas tau nos animais. Uma das explicações para tal é a de que cães e gatos não vivem tempo suficiente a ponto dessas proteínas se tornarem prejudiciais”, relata.

Por falar em idade, as manifestações clínicas da Síndrome da Disfunção Cognitiva costumam ocorrer em cães a partir dos nove anos e em felinos por volta dos 12 anos.

MANIFESTAÇÃO DA DOENÇA. Estudos não apontam uma real predisposição racial nos animais que desenvolvem a doença. Geralmente, ela é observada com maior frequência em cães de pequeno porte e felinos, pois esses costumam ter uma sobrevida maior do que os cães de grande porte.

Logo, o especialista esclarece ►►



ce que a idade é o fator isolado mais importante para a SDCC, sendo ela um efeito da longevidade. Além disso, um dos principais aspectos associados ao desenvolvimento da síndrome são as alterações gastrointestinais, devido ao eixo intestino-cérebro, e a presença de doenças metabólicas ou inflamações sistêmicas crônicas.

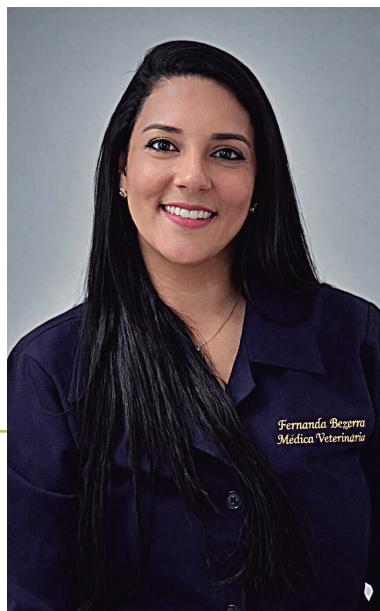
Outro fator é o status reprodutivo do paciente, ou seja, se ele é castrado ou não, que mesmo não sendo considerado determinante, é passível de influenciar no quadro. Após a SDCC estabelecida, os animais passam a apresentar sinais clínicos relacionados a déficits cognitivos progressivos. Dentre eles, estão desorientação, interação social diminuída, ciclo circadiano alterado (troca do dia pela noite), higiene pessoal reduzida, mudanças de atividade, ansiedade e déficit no nível de aprendizado. “De maneira menos comum, podemos encontrar pacientes apresentando também crises epilépticas e sinais compatíveis com síndrome vestibular”, relata.

Já o diagnóstico é feito através de anamnese, avaliação física neurológica e achados de exames de imagem avançados, como a ressonância magnética.

MANEJO DA SDCC. O especialista comenta que o principal objetivo de qualquer tratamento ou controle para um paciente neurológico é a qualidade e expectativa de vida. “Hoje sabemos que a doença não tem cura, assim como o Alzheimer. Com isso, o controle ambiental e medicações para manejo da sintomatologia clínica, na maioria do caso, traz qualidade de vida para o animal e para os responsáveis”, declara.

Dessa forma, a linha de terapia integrativa adjuvante ao controle medicamentoso, normalmente, garante bons resultados. “Antioxidantes naturais, como ômega-3, probióticos para melhora da saúde intestinal e melatonina em casos de alteração no ciclo circadiano, são exemplos de linhas de suplementos indicados na maioria dos pacientes. Sabemos que a suplementação dificilmente vai substituir o controle medicamentoso, porém é uma alternativa importante para caminhar lado a lado”, explica.

No cuidado com esses animais, conforme Castanho, também é es-



Fernanda Carolina Farias Bezerra, médica-veterinária pós-graduada em Clínica Médica de Pequenos Animais, Geriatria e Neonatologia Veterinária e 1ª tesoureira da Sociedade Brasileira de Geriatria Veterinária (SBGV)

sencial evitar, ao máximo, alterações ambientais bruscas como, por exemplo, reformas e mudanças.

Para complementar, procedimentos que causam imunossupressão podem piorar o quadro atual do animal de maneira reversível ou não. Nesse grupo entram cirurgias, vacinações e crises de dor. Portanto, os pacientes com a Síndrome da Disfunção Cognitiva devem ser acompanhados de perto através de avaliação e controle medicamentoso periódico.

“Com cães e gatos que convivem com a SDCC todo cuidado é sempre dobrado. A disfunção cognitiva não é uma condenação, é a condição do paciente e o acompanhamento é essencial para o bom prognóstico”, conclui.

ENTENDENDO A FASE SÊNIOR. O termo idoso é muito utilizado para definir animais com idade mais avançada. Entretanto, é importante entender que essa nomenclatura não deve ser interpretada apenas como um marcador cronológico único.

De acordo com Diego Silva Mendes, médico-veterinário especializado em Oncologia e Geriatria, pós-graduando em Medicina Felina e atual pre-



Gabriel Castanho, médico-veterinário pós-graduado em Neurologia Canina e Felina e em Geriatria e Neonatologia Veterinária e membro da Associação Brasileira de Neurologia Veterinária (ABNV)

sidente da Sociedade Brasileira de Geriatria Veterinária (SBGV), cães e gatos envelhecem em ritmos distintos.

“Em felinos, por exemplo, as diretrizes de estágios de vida da American Animal Hospital Association/Feline Veterinary Medical Association (AAHA/FelineVMA), conhecida até outubro de 2024 como American Association of Feline Practitioners (AAFP), trazem uma classificação mais objetiva, considerando “seniores” os gatos acima de 10 anos de idade”, explica.

Já as Diretrizes da FelineVMA destacam que, em determinadas situações, alguns gatos podem ser considerados seniores a partir dos oito anos, devido a fatores individuais, como predisposição genética a doenças crônicas e contexto clínico. Isso reforça a necessidade de individualização.

No caso dos cães, o especialista comenta que a discussão é ainda mais dinâmica. Conforme as diretrizes para cuidados com cães e gatos idosos da AAHA, publicadas em 2023, não existe uma idade específica que defina “sênior” para todos os animais da espécie.

“O envelhecimento é heterogêneo e fortemente influenciado pelo porte do animal e expectativa de vida de

cada raça. Na prática, os guidelines para as fases de vida canina da AAHA, publicados em 2019, trazem um sistema de classificação mais adequado, propondo um conceito muito útil e aplicável: o cão se torna sênior quando entra nos últimos 25% da sua expectativa de vida estimada”, pontua.

Esse aspecto explica porque os animais da espécie de grande porte podem ser considerados seniores precocemente, enquanto cães de pequeno porte frequentemente permanecem na fase adulta por mais tempo.

SÊNIOR VERSUS GERIÁTRICO. Outro ponto importante - e cada vez mais enfatizado nos artigos científicos publicados recentemente - é que o conceito de que idoso não é sinônimo de geriátrico.

Diego relata que as diretrizes da FelineVMA deixam essa diferença muito clara. Conforme o documento, “senior” é um termo predominantemente relacionado à idade, enquanto “geriátrico” é uma classificação de estado clínico e funcional, sem idade fixa, geralmente associada a maior carga de doença, múltiplas comorbidades e redução de reserva fisiológica.

“Ou seja, um animal pode ser “sênior” e, ainda assim, plenamente estável e funcional. Por outro lado, um indivíduo pode evoluir para uma condição “geriátrica” com maior vulnerabilidade clínica e necessidade de monitoramento intensivo, mesmo que não tenha uma idade tão avançada”, informa.

Nessa visão moderna, o conceito de fragilidade se destaca como um marcador clínico avançado do envelhecimento, visto que se trata de uma síndrome associada à perda progressiva da reserva funcional e maior susceptibilidade a desfechos adversos.

“Assim, quando questionamos a partir de qual idade um cão ou gato é considerado idoso, a melhor resposta é: em gatos, a idade fornece um parâmetro mais objetivo (acima de 10 anos). Já em

cães, a classificação deve ser orientada pela expectativa de vida e pelo estágio de vida, sempre integrada à avaliação clínica, funcional e ao grau de fragilidade do paciente. Na prática, o envelhecimento começa muito antes dos responsáveis associarem o animal à ideia de velhice”, explica Mendes.

SISTEMAS ORGÂNICOS EM SOFRIMENTO. O envelhecimento é um processo biológico natural, que afeta diferentes órgãos e sistemas. Animais considerados sênior passam a ter uma menor reserva para manter a homeostase diante de agravos de saúde e podem descompensar com maior facilidade.

Em meio a tudo isso, alguns sistemas são acometidos com maior facilidade do que outros, prejudicando o funcionamento normal do organismo.

Diferentemente do que se pode imaginar, o médico-veterinário relata que o sistema urinário é um dos mais impactados e determinantes na geriatria, visto que o envelhecimento renal envolve redução do número de néfrons funcionais, declínio da capacidade tubular e menor eficiência de concentração urinária, predispondo a desidratação silenciosa e acelerando o risco de Doença Renal Crônica, especialmente em felinos.

“Em paralelo, o sistema cardiovascular também apresenta queda importante da capacidade funcional e tolerância ao esforço, com alterações que incluem resposta β -adrenérgica reduzida, aumento da pós-carga e prolongamento dos tempos de contração e relaxamento miocárdico. Todos esses aspectos comprometem os mecanismos compensatórios e tornam a manutenção da perfusão diante de alterações de volume, resistência periférica e demanda tecidual menos eficiente”, declara.

O envelhecimento do sistema músculo esquelético também é relevante nesses pacientes, pois gera limitação funcional e perda de autonomia.

O especialista explica que a combinação de sarcopenia, alterações meta-

bólicas e perda de desempenho muscular, associadas à degeneração articular progressiva, leva a um quadro de dor crônica frequentemente subdiagnosticada, redução de mobilidade e piora da tolerância ao exercício.

Deve-se, ainda, destacar a imunosenescência, entendida como um remodelamento progressivo do sistema imune com o passar dos anos. Quando isso acontece há redução da capacidade de resposta a novos desafios, incluindo agentes infecciosos e células neoplásicas, e menor eficiência na geração de imunidade adaptativa após a vacinação em alguns cenários.

Para complementar, Mendes afirma que as mudanças do sistema nervoso são capazes de explicar alterações cognitivas e comportamentais relacionadas à idade. Por outro lado, mudanças gastrointestinais e hepatobiliares modulam digestibilidade, microbiota e metabolismo de fármacos, tornando os animais geriátricos mais vulneráveis a efeitos adversos no contexto da polifarmácia.

“Embora o envelhecimento traga consigo alterações que afetam o organismo como um todo, de modo geral, os sistemas mais afetados são renal, cardiovascular, músculoesquelético, imunológico, neurológico e digestório. Isso ocorre pois eles concentram as alterações que mais comprometem a reserva orgânica e a capacidade adaptativa do animal”, pontua. »



Diego Silva Mendes, médico-veterinário especializado em Oncologia e Geriatria, pós-graduando em Medicina Felina e atual presidente da Sociedade Brasileira de Geriatria Veterinária (SBGV)

OUTRAS ENFERMIDADES EM DESTAQUE

Conforme relata Fernanda, além da Síndrome da Disfunção Cognitiva, em sua prática clínica de atendimentos geriátricos a maior casuística é de pacientes com doença articular degenerativa, doença periodontal e alterações endócrinas. Já de acordo com Diego Mendes, em gatos as enfermidades mais comuns decorrentes da idade são:

- Doença Renal Crônica;
- Doença periodontal;
- Osteoartrite;
- Enteropatia inflamatória crônica;
- Neoplasias, como o Linfoma Intestinal de Pequenas Células;
- Hipertireoidismo;
- Diabetes mellitus tipo 2;
- Cardiomiopatia hipertrófica (frequentemente acompanhada de caquexia)

Nos cães, as afecções predominantes são doença periodontal, Doença Mixomatosa Valvar Mitral, Osteoartrite, neoplasias, como os tumores mamários em cadelas, Catarata senil, Doença Renal Crônica, obesidade e Diabetes mellitus tipo 1. “Na prática, nossa rotina durante os atendimentos geriátricos envolve manejar doenças crônicas concomitantes, controlando dor, preservando função e antecipando descompensações por meio de acompanhamento periódico, sempre com foco na manutenção da qualidade de vida dos pacientes”, afirma.

ACOMPANHAMENTO PERIÓDICO E LONGEVIDADE.

Fernanda comenta que muitos responsáveis têm dificuldade de assimilar que o seu companheiro de quatro patas envelheceu e, por vezes, essa negação pode atrasar a procura por atendimento médico-veterinário e comprometer o diagnóstico precoce de doenças que podem ameaçar a continuidade de suas vidas.

“Por isso, é fundamental reforçar que o envelhecimento não deve ser encarado como sinônimo de sofrimento inevitável. Muito pelo contrário, é uma fase que pode — e deve — ser vivida com conforto, autonomia e qualidade de vida, desde que haja o acompanhamento adequado”, cita.

Deste modo, quando o pet atinge a fase sênior, o acompanhamento veterinário deve se tornar mais frequente, sendo indicado, geralmente, a cada seis meses, podendo variar de acordo com o histórico e quadro clínico de cada paciente.

CHECKLIST DOS PACIENTES GERIÁTRICOS.

O atendimento a pacientes geriátricos, seja na rotina da clínica geral ou em consultórios especializados, está cada vez mais recorrente. No entanto, existem particularidades dessa fase de vida que devem ser consideradas durante as consultas.

Diego comenta que é preciso criar um checklist estruturado para transformar a consulta em um rastreamento ativo e acompanhamento por tendências — e não apenas em um exame físico pontual. “O primeiro item indispensável é uma anamnese dirigida, com perguntas específicas sobre mudanças sutis no apetite, ingestão hídrica, eliminações, sono, mobilidade, comportamento e cognição. Questionários e registros domiciliares, como vídeos e fotos, são úteis e podem auxiliar na identificação de manifestações clínicas que não são passíveis de serem observadas durante a consulta”, explica.

Em seguida, é indicada a realização da Avaliação Geriátrica Ampla (AGA) — que inclui exame físico e análise de aspectos cognitivos, funcionais, nutricionais e ambientais.

A avaliação de quadro álgico também deve ser feita, devido ao alto índice de pacientes seniores com dor crônica subdiagnosticada, especialmente musculoesquelética.

Outro componente obrigatório do checklist é a avaliação diagnóstica mínima seriada através de exames. “O ideal é que esses animais realizem hemograma, provas bioquímicas e urinálise a cada seis meses, com avaliação da relação proteína:creatinina urinária (RPCU) quando houver proteinúria ou microalbuminúria persistente, compondo a base da investigação diagnóstica para detecção precoce de disfunções orgânicas”, relata Mendes.

Além disso, devem ser incluídos exames preventivos de acordo com o risco e estilo de vida. Dentre eles, estão o coproparasitológico — que deve ser realizado de uma a quatro vezes por ano em cães e entre uma e duas vezes ao ano em felinos — testes anuais de Dirofilariose e rastreamento anual de doenças transmitidas por carrapatos em cães.

“Em gatos, é necessário destacar a importância das testagens para os retrovírus FIV e FeLV. A avaliação tireoidiana com T4 também é fortemente recomendada, assim como a aferição de pressão arterial, pelo menos, a cada seis meses, mesmo em felinos saudáveis, devido ao impacto do diagnóstico precoce de hipertensão e doenças associadas”, aconselha.

Exames adicionais, como os de imagem, devem ser solicitados para ambas as espécies quando houver indicação clínica, como eletrocardiograma e ecodoppler cardiograma. Para Bezerra, esse acompanhamento sistemático permite detectar precocemente enfermidades e iniciar o tratamento antes que o quadro evolua para estágios mais graves.

QUALIDADE DE VIDA É PALAVRA DE ORDEM.

Muitas enfermidades que acometem os cães e gatos idosos não têm cura, como a Síndrome da Disfunção Cognitiva. Com isso, o objetivo de todo o cuidado e de alguns tratamentos é promover qualidade de vida a esses animais. “A abordagem mais eficiente é integrar

acompanhamento geriátrico periódico, adaptações ambientais, diagnóstico e controle precoce de dor e doenças crônicas, de forma a preservar autonomia, bem-estar e qualidade de vida do pet”, cita Mendes.

Inclusive, o manejo ambiental é peça-chave, especialmente por conta das dificuldades de locomoção que podem surgir nesses animais. A adaptação do ambiente pode ser realizada com pisos antiderrapantes, tapetes ou passadeiras, que conferem mais segurança e estabilidade durante o caminhar do cão ou gato. Melhorar a iluminação dos ambientes também é indicado, pois é comum haver perda de visão conforme a idade avança.

“Muitos pensam que com idade devemos evitar o exercício físico, mas um paciente ativo tem melhor escore corporal e melhora nas funções motoras e cognitivas. O passeio é um dos grandes aliados do cão idoso, desde que ele não esteja em sobrepeso ou obeso”, aconselha Fernanda.

Já com relação a nutrição, a profissional relata que deve ser adaptada devido a diminuição de atividade e do metabolismo energético, além do fato de que um pet sênior possui maior facilidade em ganho de peso e perda de massa muscular.

“Temos no mercado excelentes alimentos secos para essa fase da vida e, também, uma modalidade que está ganhando cada vez mais espaço são as dietas caseiras, que podem ser fornecidas quando prescritas e realizadas com acompanhamento especializado de um médico-veterinário nutrólogo”, explica.

Além disso, a família deve estar sempre atenta a qualquer mudança física e/ou comportamental e seguir à risca as orientações dos tratamentos indicados, visto que responsáveis participativos e atentos tornam o manejo do paciente mais leve, garantindo melhores resultados.

“A velhice não precisa ser uma etapa dolorosa. Com acompanhamento geriátrico estruturado é possível promover longevidade com qualidade de vida e preservar o bem-estar do paciente até o último minuto”, finaliza Fernanda.

AOS OLHOS DOS RESPONSÁVEIS

NA ROTINA domiciliar muitos responsáveis não conseguem discernir qual é o real problema de seus pets, mas são grandes aliados dos clínicos na triagem de doenças.

O especialista em Geriatria comenta que os principais motivos para os responsáveis levarem seus cães seniores ao consultório estão, frequentemente, relacionados a alterações de mobilidade e dor, especialmente redução na velocidade da marcha e dificuldades em mudar de posição (seja para sentar ou levantar) ou subir escadas.

“Também é frequente as famílias se queixarem que o animal apresenta claudicação, descrita, muitas vezes, de forma bem característica: “percebi que ele está mancando da patinha esquerda da frente há mais ou menos duas semanas” - manifestação que pode refletir um quadro algíco músculo-esquelético”, pontua.

Outro sinal bastante recorrente é a tosse — que pode ser de origem cardiogênica, sobretudo quando ocorre à noite ou após esforço. Essa é geralmente descrita como um “engasgo” e está associada à intolerância ao exercício e, em alguns casos, episódios de dispneia.

No entanto, para Mendes, nesses quadros é importante considerar causas não cardiogênicas, como afecções respiratórias crônicas, colapso de traqueia e broncopatias.

Além disso, muitos responsáveis mencionam aumento do volume abdominal, acompanhado de poliúria e polidipsia, alterações de apetite e variações de peso. Esses sinais clínicos podem estar relacionados a endocrinopatias, como hipercortisolismo e Diabetes mellitus.

Por outro lado, nos felinos os re-

latos dos responsáveis costumam ser ainda mais sutis. Muitos descrevem, principalmente, mudanças comportamentais, como dormir mais, se tornar reativo, não pular nas prateleiras e móveis como antes e parar de subir em locais altos. “Esses sinais são altamente sugestivos de dor crônica, possivelmente, associada à osteoartrite”, afirma o especialista.

Ainda citando os gatos, queixas relacionadas a perda de peso progressiva, alterações de apetite, poliúria, polidipsia e episódios de êmese intermitente são recorrentes. Esses sinais são, normalmente, oriundos de Doença Renal Crônica, Hipertireoidismo ou Enteropatia Inflamatória Crônica.

Há, ainda, alterações do hábito de eliminação — como urinar e/ou defecar fora da caixa de areia, que aparecem com frequência e podem ocorrer por quadro algíco, manejo inadequado da liteira ou alterações no sistema urinário.

Para finalizar, em ambas as espécies, uma das queixas principais é a presença de neoplasias passíveis de serem percebidas pelos responsáveis, como as cutâneas, mamárias e/ou em cavidade oral. Já a halitose, disfagia e sangramento oral, não podem deixar de ser citadas e são reflexos da alta prevalência de doença periodontal avançada.

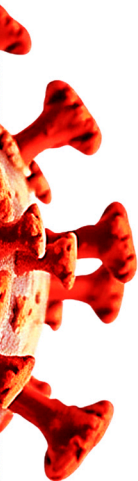
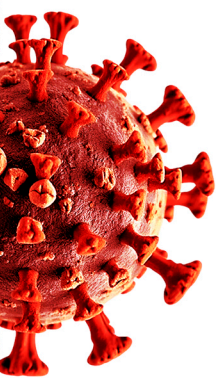
“Além disso, muitas famílias relatam alterações comportamentais compatíveis com envelhecimento do sistema nervoso, como desorientação, vocalização noturna, mudança do ciclo sono-vigília e ansiedade, especialmente em cães com Síndrome da Disfunção Cognitiva”, declara Mendes. ■



MIOU,

TESTES DIAGNÓSTICOS PARA FIV E FELV SÃO INDISPENSÁVEIS
PARA IDENTIFICAR ANIMAIS INFECTADOS, ORIENTAR DECISÕES
CLÍNICAS E DEFINIR PROTOCOLOS VACINAIS

TESTOU!



► DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br

O Vírus da Leucemia Felina (FeLV) e o Vírus da Imunodeficiência Felina (FIV) ainda possuem elevada incidência e, por configurarem doenças sem cura, requerem atenção de médicos-veterinários e responsáveis.

Mesmo ambos atingindo especificamente os gatos, têm uma prevalência diferente na prática clínica.

Para o médico-veterinário pós-graduado em Clínica Médica de Pequenos Animais e Medicina Felina e mestre em Ciências pelo departamento de cirurgia da Universidade de São Paulo (USP), Rodrigo Prazeres, a FeLV ainda apresenta uma incidência significativamente alta, especialmente em gatos jovens, não castrados, com acesso à rua ou provenientes de ambientes com elevada densidade populacional, como abrigos.

Por outro lado, a FIV é mais frequentemente diagnosticada em animais adultos, sobretudo machos inteiros com histórico de brigas. “Apesar de uma percepção de redução em alguns centros urbanos, ambas as enfermidades continuam sendo doenças relevantes e corriqueiramente subdiagnosticadas devido à baixa taxa de testagem de rotina”, comenta.

Para o profissional, esse persistente elevado número de casos está relacionado, principalmente, à ausência de testagem sistemática, à introdução de gatos sem histórico sanitário em residências ou colônias, ao acesso à rua, à falta de castração e a não imunização, citando especificamente a FeLV.

O desconhecimento dos responsáveis pelos felinos sobre as formas de transmissão também pode ser apontado como um dos motivos.

FERRAMENTA FUNDAMENTAL. Rodrigo esclarece que a testagem dos gatos para as doenças permite identificar animais infectados precocemente, orientar decisões clínicas, definir protocolos vacinais, reduzir a disseminação dos vírus e oferecer melhor prognóstico e qualidade de vida aos felinos positivos. “Além disso, é uma ferramenta essencial para a biossegurança em lares com múltiplos gatos, abrigos e gatis”, cita.

O veterinário pontua que os testes rápidos detectam antígenos do FeLV p27 e anticorpos contra a FIV, sendo indicados como triagem inicial por sua praticidade e rapidez. “Já a PCR detecta material genético viral e é mais sensível para identificar infecção em estágios específicos, como infecção regressiva por FeLV ou nas fases iniciais da FIV”, informa.

No entanto, nenhum método é absoluto e a interpretação dos exames deve sempre considerar o contexto clínico do paciente. Assim, conforme Prazeres, ao definir qual tipo de teste utilizar devem ser avaliados aspectos como idade do animal, histórico de exposição, status clínico, momento da infecção suspeita, custo, disponibilidade e impacto do resultado na tomada de decisão. “Testes rápidos são ideais para triagem, enquanto a PCR é mais indicada como método confirmatório ou em casos inconclusivos”, exemplifica.

QUANDO TESTAR. Para garantir resultados confiáveis é preciso entender quais situações podem levar a falsos positivos ou negativos e, ainda, definir o momento ideal para a testagem dos felinos.

O especialista afirma que os filhotes podem ser testados a partir »

de seis a oito semanas de idade. “No caso da FeLV, um teste positivo tende a ser confiável nesse estágio de vida, existindo raros falsos positivos, que podem ocorrer por erros técnicos ou baixa especificidade do teste. No entanto, os falsos negativos podem acontecer durante a fase inicial da infecção ou em infecções regressivas”, informa.

Com a FIV isso é um pouco diferente. Resultados positivos antes dos seis meses de vida podem refletir anticorpos maternos, enquanto os falsos negativos podem ocorrer durante a fase inicial da infecção, ou seja, antes da soroconversão.

“Logo, recomenda-se retestar filhotes inicialmente negativos após 30 a 60 dias, se houver risco de exposição, e a melhor forma de evitar erros é fazer a retestagem seriada e interpretar os resultados à luz da idade e do risco epidemiológico”, aconselha.

Além disso, a retestagem também é indicada quando existe exposição recente conhecida, em animais adotados sem histórico, antes da introdução de um felino em ambientes com outros gatos, em resultados discordantes entre métodos e previamente à vacinação contra FeLV, quando o status é desconhecido. “Inclusive, testar os pacientes antes da vacinação contra FeLV é fundamental, pois a vacina não trata a infecção existente e pode mascarar a percepção de segurança sanitária. Com isso, testar o felino evita vacinar animais já infectados e orienta adequadamente o manejo clínico e ambiental”, pontua o veterinário.

QUAL A MELHOR AMOSTRA? Para a testagem dos animais, dependendo do método escolhido, podem ser utilizadas amostras de sangue total, plasma e soro dos pacientes. Visando orientar os clínicos quanto a qual delas é a melhor, foi realizado um estudo retrospectivo¹ com 127 gatos positivos para o antígeno p27 do FeLV durante oito anos após o diagnóstico.

No período da pesquisa foram coletadas amostras de sangue total, plasma e soro dos animais no momento da inclusão no teste e mensalmente durante seis meses. Todas as amostras passaram pelo teste combinado SNAP FIV/FeLV, ELISA em microplaca (PetCheck) e RT-PCR quantitativo (qPCR) para o DNA proviral, que foi utilizado



Filhotes de gatos podem ser testados a partir de seis a oito semanas de idade, afirma **Rodrigo Prazeres**

para confirmação e classificação do status de infecção (altamente positivo, fracamente positivo ou críptico/negativo).

Como resultado, o sangue total anticoagulado no SNAP teste se mostrou como o indicador mais sensível de infecção por FeLV em comparação com plasma e soro. Portanto, essa é considerada a amostra diagnóstica preferencial para testes de antígeno de FeLV.

Já a combinação dos resultados dos testes de antígeno em sangue total, PetCheck e qPCR identificou gatos como altamente positivos, fracamente positivos ou crípticos/negativos, sendo que os felinos altamente positivos apresentaram maior risco de mortalidade precoce.

CUIDADOS COM A INTRODUÇÃO DE NOVOS ANIMAIS. Em casas que já possuem gatos nem sempre apenas um teste para FIV e FeLV é necessário para liberar a convivência entre os felinos.

Segundo Prazeres, nesses casos o protocolo ideal inclui testagem inicial, período de isolamento, retestagem e vacinação contra FeLV, quando indicada.

“Na chegada do novo gato deve ser realizada testagem imediata para FIV e FeLV por teste rápido. Mesmo com resultado negativo, o animal deve permanecer em isolamento físico dos demais animais da residência, uma vez que pode estar na fase inicial da infecção”, explica.

Durante o período de isolamento, que idealmente deve durar de 30 a 60 dias, o felino deve ser acompanhado

cl clinicamente. Se o primeiro teste for negativo para FeLV, a recomendação é iniciar o protocolo de vacinação nos animais considerados em risco, especialmente antes da integração definitiva ao ambiente com outros gatos. Contudo, é essencial destacar que a vacinação não substitui a testagem, mas atua como uma camada adicional de proteção.

Ainda de acordo com o veterinário, após o isolamento deve ser realizada retestagem para as enfermidades. Somente depois de dois testes negativos, ausência de sinais clínicos compatíveis com infecções retrovirais e - no caso da FeLV - vacinação concluída ou em andamento conforme o protocolo, a convivência com o gato residente negativo pode ser liberada com segurança.

“Esse protocolo reduz de forma significativa o risco de transmissão, especialmente da FeLV, que é facilmente disseminada por contacto social próximo. A associação entre testagem seriada, isolamento temporário e vacinação representa, atualmente, a abordagem mais segura e baseada em evidências para lares com múltiplos gatos”, pontua.

PREVENÇÃO É PALAVRA DE ORDEM.

Com a elevada incidência e os riscos proeminentes, o melhor caminho para combater a FIV e a FeLV é a prevenção.

Rodrigo comenta que os principais métodos preventivos são testagem regular, manutenção de gatos exclusivamente indoor, castração, controle populacional, isolamento de gatos positivos - quando indicado -, introdução responsável de novos animais e vacinação contra FeLV em felinos negativos com risco de exposição. “A educação dos responsáveis é uma das ferramentas mais importantes na redução da incidência dessas doenças”, conclui. ■

Referências

¹ Beall, Melissa J. et al. Feline leukemia virus lifetime study: whole blood samples increase detection of low positive cats with extended long-term survival. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, p. 1-10, agosto, 2025.

Acesse o artigo completo pelo QRCode:





■ RESPONSABILIDADE CIVIL NA MEDICINA VETERINÁRIA (PARTE 1)

O exercício profissional nos tribunais

A Medicina Veterinária mudou e o risco jurídico também. O médico-veterinário além de atuar no campo produtivo, está no centro da saúde pública, do cuidado de animais de companhia e até da perícia. Somado à valorização afetiva do animal na família e ao aumento de informação dos responsáveis, cresce um fenômeno que todos percebem: a judicialização da prática veterinária.

No Direito, a responsabilidade civil nasce quando alguém causa um dano ao outro, nascendo também o dever de o reparar. Na Veterinária, o dano pode repercutir no animal e no seu responsável — que é quem busca o Judiciário para pedir uma indenização. A pergunta-chave é: quando o veterinário pode ser condenado?

O primeiro passo é entender como funciona a responsabilidade do médico-veterinário e da empresa que presta serviços de Medicina Veterinária, pois elas diferem entre si.

Isto ocorre porque a responsabilidade civil do médico-veterinário é subjetiva, ou seja, depende de como ele agiu. Seu ato precisa comprovar culpa, isso quer dizer que se exige a prova da culpa. Essa culpa se apresenta sob três formas: negligência, imprudência ou imperícia (§4º do artigo 14 do CDC – Código de Defesa do Consumidor).

- **Negligência** é omissão do cuidado devido — não fazer o que era exigível: falhas de monitoramento, ausência de registros essenciais no prontuário, etc;

- **Imprudência** é agir com precipitação, sem cautela, assumindo riscos evitáveis: anestesia sem avaliação adequada, etc;

- **Imperícia** é falta de preparo técnico-científico para o ato.

Na prática, elas se misturam. Um único

caso pode reunir imprudência (não pedir exames pré-operatórios), imperícia (não dominar a técnica cirúrgica) e negligência (falhar no pós-operatório). É por isso que o juiz, frequentemente com suporte de perícia, avalia se houve violação do dever de cuidado e se a conduta esteve alinhada a protocolos e boas práticas.

Já a empresa que presta serviços de Medicina Veterinária, como clínicas, laboratórios e hospitais veterinários, têm responsabilidade objetiva, ou seja, como fornecedores de serviços (artigo 14 do CDC). Neste caso, basta comprovar dano e nexo, sem necessidade de provar culpa, como acontece na responsabilidade subjetiva.

Guarde essa lógica porque ela muda o jogo em uma ação: a defesa do profissional costuma girar em torno da ausência de culpa, enquanto a defesa do estabelecimento procura demonstrar ausência de defeito do serviço, ruptura do nexo causal, fato exclusivo de terceiro, entre outras teses.

Diante dos impactos negativos que um processo pode causar ao médico-veterinário, como, por exemplo: financeiro, reputacional e emocional, o melhor caminho é trilhar a prevenção ético-jurídica.

REFLITA!

Quer reduzir seu risco sem burocratizar sua rotina? Fortaleça suas bases: prontuário, consentimento e comunicação. ■

NA PRÓXIMA EDIÇÃO

Continuaremos a abordar a Responsabilidade Civil na Medicina Veterinária.

Ana Paula Falcão de Moura Gierlich é advogada, especialista e mestranda em Direito Médico, fundadora do Instituto DAS – Direito Aplicado à Saúde, Profa. Convidada dos Cursos de Especialização, Mestrado e Doutorado em Odontologia Legal da Faculdade São Leopoldo Mandic – Campinas/SP. Conselheira em Empresas de Saúde pela Board Academy. Diretora de Compliance da EquoSorriso Equoterapia – São José dos Pinhais/PR. Co-fundadora da CODEGEE – Consultoria, Desenvolvimento e Gestão Empresarial Ltda. Criadora do Programa de Assessoria Jurídica Preventiva para Médicos Veterinários, suas clínicas e hospitais – VET FAZ DIREITO, com suporte jurídico para demandas éticas e judiciais (defesa do médico veterinário). Contato: vetfazdireito@institutodas.com.br

APRENDIZAGEM SOCIAL DE FELINOS FILHOTES E FELINOS IDOSOS NO TREINAMENTO PARA TAA

» PRISCILA MARCONDES TOINAKI

Os Serviços Assistidos por Animais (SAA) compreendem um conjunto de práticas terapêuticas que utilizam a interação entre seres humanos e animais como recurso para a promoção de saúde, bem-estar e reabilitação em diferentes contextos.

Entre as modalidades de SAA, os Tratamentos Assistidos por Animais (TAA) têm recebido crescente atenção, sendo aplicados em hospitais, escolas, instituições de longa permanência e centros de reabilitação (Chitic, Rusu & Szamosközi, 2012).

Nesses serviços, os animais atuam como co-terapeutas, desempenhando papel de facilitadores na comunicação, no vínculo e na adesão ao tratamento.

Apesar do crescente interesse pelos Serviços Assistidos por Animais (SAA), a participação de felinos em Tratamentos Assistidos por Animais (TAA) permanece pouco explorada.

A literatura disponível sobre seleção,

treinamento e aplicação clínica de gatos como co-terapeutas é limitada, evidenciando lacunas quanto ao comportamento, bem-estar e respostas emocionais da espécie em contextos terapêuticos (Fedor, 2017; Kogan, Grigg & Hellyer, 2023).

O gato doméstico apresenta características que podem favorecer sua inserção em programas de TAA, como porte reduzido, adaptação a ambientes internos, comportamento geralmente silencioso e capacidade de estabelecer vínculos afetivos seletivos com seres humanos. Essas particularidades podem ser especialmente vantajosas em ambientes hospitalares, institucionais e de longa permanência, nos quais estímulos intensos devem ser minimizados (Fedor, 2017).

No entanto, a ausência de conhecimento aprofundado sobre o comportamento felino, sua linguagem corporal e suas respostas emocionais em ambientes terapêuticos ainda limita a adoção dessa espécie, evidenciando a necessidade de estudos que descrevem protocolos de seleção, treina-





mento e manejo compatíveis com as necessidades etológicas dos gatos (Fedor, 2017; Kogan, Grigg & Hellyer, 2023).

Diante desse panorama, torna-se relevante discutir tanto as potencialidades quanto às limitações dessa espécie para o Tratamento Assistido por Animais com felinos, a fim de identificar caminhos para o desenvolvimento de práticas terapêuticas multiespecíficas baseadas em evidências no respeito mútuo entre humanos e animais.

Nos últimos anos, têm sido propostas diretrizes de manejo *cat-friendly*, baseadas na etologia e no bem-estar da espécie, que recomendam a adaptação gradual dos gatos aos ambientes de terapia, o respeito à sua linguagem corporal e a criação de espaços de fuga ou refúgio durante as sessões. Essas diretrizes são fundamentais para reduzir o estresse, prevenir comportamentos defensivos e garantir a segurança tanto do animal quanto do paciente (International Society of Feline Medicine, 2022).

Especialistas em comportamento felino também têm desenvolvido protocolos de treinamento positivo para gatos candidatos à TAA, incluindo socialização precoce, habituação a diferentes estímulos ambientais e reforço de comportamentos desejáveis, como tolerância ao toque e aproximação voluntária. Essas estratégias visam aumentar a previsibilidade e a confiabilidade da espécie em contextos terapêuticos, respondendo às críticas históricas sobre a suposta imprevisibilidade do comportamento felino (Kogan, Grigg & Hellyer, 2023).

Do ponto de vista clínico, estudos têm demonstrado resultados positivos de tratamentos assistidos com gatos. Pesquisas recentes destacam melhorias significativas em sintomas de depressão, ansiedade e solidão, além de ganhos na qualidade de vida e no bem-estar psicológico de idosos, pacientes psiquiátricos e pessoas em isolamento social (Villalta-Gil et al., 2009; Fedor, 2017).

Conclui-se que, embora ainda haja lacunas significativas de pesquisa, as evidências disponíveis indicam que as TAA com felinos, quando realizadas sob diretrizes *cat-friendly* e com animais devidamente preparados, representam uma alternativa promissora para a promoção da saúde mental e da qualidade de vida em diferentes populações.

O presente estudo aplicou essas

técnicas de treinamento com o propósito de analisar os desafios envolvidos no treinamento de gatos jovens e idosos para aplicação em Tratamentos Assistidos por Animais. Neste artigo, serão analisadas as respostas comportamentais de dois felinos ao longo do processo de treinamento para Tratamentos Assistidos por Animais (TAA).

A partir da observação sistemática do desenvolvimento de duas habilidades específicas, serão consideradas: (1) a capacidade de interação social em ambientes com diferentes indivíduos e (2) a habilidade de manter-se em repouso e comando verbal em um local determinado, aguardando o comando.

METODOLOGIA. Para a sua execução foram incluídos apenas animais clinicamente saudáveis, com perfil sociável e previamente habituados ao manejo humano, de modo a reduzir vieses relacionados à saúde ou à aversão ao contato humano. Como instrumentos de avaliação utilizou-se o Cat Stress Score (CSS) para mensuração do estresse dos animais, além do registro sistemático da frequência e da duração das interações apresentadas pelos felinos ao longo das sessões de treinamento.

A população de estudo foi composta por felinos domésticos (*Felis catus*), subdivididos em dois grupos etários: um grupo jovem, representado por um animal com quatro meses de idade – gato A, felino fêmea sem raça definida, e um grupo idoso, representado por um animal com oito anos de idade – gato B, felino macho castrado da raça Sphynx.

As observações comportamentais foram realizadas durante sessões de treinamento estruturadas, conduzidas de forma padronizada para ambos os felinos, em ambiente controlado, ao longo de sessões repetidas de cinco a 10 minutos diários. As sessões incluíram atividades de interação social, permanência em local determinado e resposta a comandos verbais simples.

CAPACIDADE DE INTERAÇÃO SOCIAL. O gato B participou de uma atividade prática em ambiente institucional controlado voltado ao ensino na área da saúde animal. A atividade ocorreu em uma sala localizada no mesmo ambiente do Hospital Veterinário, caracterizado pela presença de »

múltiplos odores provenientes de diferentes indivíduos e de diversos animais.

O gato foi transportado em sua caixa de transporte e posicionado sobre uma mesa de atendimento, em torno da qual os alunos estavam dispostos. Ao abrir a caixa, o animal emergiu de forma tranquila, demonstrando curiosidade e mantendo um estado emocional calmo.

Segundo o “Cat Stress Score”, apresentou nível relaxado. Durante toda a interação, não apresentou indicadores comportamentais de medo ou estresse, aceitou o contato físico dos alunos, permaneceu no colo de diferentes participantes e não exibiu tentativas de fuga, mostrando-se indiferente aos estímulos auditivos e olfativos do ambiente.

O gato A foi exposto ao mesmo ambiente da atividade prática. Ao abrir a caixa de transporte, a gatinha prontamente demonstrou interesse em sair e iniciou a exploração ativa do local, segundo o “Cat Stress Score”, apresentou nível de atenção normal, evidenciando elevada curiosidade.

Diferentemente do outro participante, não apresentou interesse pelas pessoas presentes; seu comportamento concentrou-se predominantemente na investigação do novo ambiente, cheirando os móveis, explorando superfícies e realizando tentativas de escalada. A comparação entre os dois felinos evidencia diferenças comportamentais consistentes relacionadas tanto à idade quanto ao repertório individual de cada gato.

O gato B, felino geriátrico, apresentou comportamento estável e socialmente responsivo, demonstrando tolerância ao manejo, aceitação do contato físico de múltiplos indivíduos e ausência de sinais de estresse, mesmo em um ambiente rico em estímulos auditivos, olfativos e sociais.

Em contraste, o gato A, felino juvenil, exibiu maior motivação exploratória, direcionando seu comportamento à investigação do ambiente físico, com pouca responsividade social e intensa curiosidade voltada à exploração de objetos, superfícies e mobiliário.

Esses achados sugerem que, enquanto gatos idosos podem apresentar maior predisposição à interação social e à estabilidade emocional em contextos controlados, felinos jovens tendem a priorizar comportamentos exploratórios, o que pode influenciar sua pron-

tidão e adequação para atividades em Tratamentos Assistidos por Animais.

Os gatos domésticos (*Felis catus*), embora tenham estratégias evolutivas associadas tanto à predação quanto à evitação de riscos, demonstram comportamento exploratório e curiosidade quando inseridos em ambientes percebidos como seguros. Nesses contextos, a exploração de novos estímulos ocorre de forma voluntária e está associada ao bem-estar e à sensação de controle sobre o ambiente, refletindo um componente adaptativo importante do comportamento felino (Vitale et al., 2023).

HABILIDADE DE MANTER-SE EM REPOUSO E COMANDO VERBAL.

Em rotina diária padronizada, o gato B recebia alimento úmido no mesmo horário e local. O felino permanece em repouso até que o alimento seja oferecido, momento no qual é emitido o comando verbal ‘vem papá’.

Esse comando também passou a ser utilizado durante a oferta de petiscos, e o felino desloca-se prontamente ao ouvi-lo. Nesse contexto, o alimento úmido funcionou como reforço positivo para o treinamento da habilidade de permanecer em um local específico até a liberação do estímulo desejado.

O gato A foi submetido ao mesmo procedimento de condicionamento. Ao comparar os dois felinos, observou-se que o gato B, apesar de geriátrico, aprendeu o comando em poucos dias, demonstrando consistência ao dirigir-se ao banco da cozinha e aguardar calmamente pelo alimento no horário habitual.

O gato A, por sua vez, aprendeu o comando em apenas um dia, sem necessidade de treinamento adicional. Felinos jovens tendem a observar e imitar o comportamento de indivíduos mais velhos, e, por meio dessa observação, o gato A não apenas passou a aguardar calmamente pelo alimento, como também respondeu ao comando verbal em aproximadamente 24 horas.

FELINO JUVENIL X FELINO IDOSO.

Este estudo evidencia que felinos jovens e idosos podem atuar em Tratamentos Assistidos por Animais quando critérios comportamentais individuais, história de socialização e capacidade adaptativa são considerados.

Felinos idosos apresentam maior estabilidade emocional e previsibilidade, enquanto felinos jovens demonstram elevada plasticidade e potencial de aprendizagem, especialmente por observação de modelos conespecíficos, isto é, gatos mais experientes. O uso consistente de comando verbal, aliado a protocolos estruturados de socialização, dessensibilização gradual e reforço positivo, favorece a aprendizagem, a adaptação e a manutenção do bem-estar animal, sem sinais de estresse.

A combinação entre estabilidade comportamental, aprendizagem social e manejo ético constitui pré-requisito para interações seguras e eficazes em contextos terapêuticos, reforçando a importância de abordagens baseadas em evidências na inclusão de gatos em TAA. ■

Referências:

- CHITIC, D.; RUSU, M.; SZAMOSKÖZI, S. Animal-assisted therapy in hospitals, schools and rehabilitation centers. *Revista de Psihologie*, v. 58, n. 3, p. 215–222, 2012.
- FEDOR, L. Animal-assisted therapy with cats: benefits, challenges and guidelines. New York: Springer, 2017.
- KOGAN, L. R.; GRIGG, E. K.; HELLYER, P. W. Putting cats on the spectrum: a scoping review of the role of cats in therapy and companionship for autistic adults and children. *Anthrozoös*, v. 36, n. 2, p. 187–204, 2023.
- INTERNATIONAL SOCIETY OF FELINE MEDICINE – ISFM. ISFM cat friendly guidelines. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, v. 24, n. 3, p. 215–236, 2022.
- VILLALTA-GIL, V. et al. Benefits of animal-assisted therapy for older adults: a systematic review. *Clinical Gerontology*, v. 32, n. 4, p. 115–127, 2009.
- VITALE, V. et al. Exploratory and adaptive behaviors in domestic cats: implications for welfare and assisted interventions. *Animals*, v. 13, n. 7, p. 1801–1814, 2023.

Priscila Marcondes Toinaki, bacharel em Medicina Veterinária pela FMU, especializada em Serviços Assistidos por Animais pela Faesda, possui Certificação Cat Friendly, pela Feline Veterinary Medical Association-USA e é mestrande em Etologia de Animais de companhia pela Universitat A. Barcelona. Coordena o curso de pós-graduação em Infectologia de Cães e Gatos e é criadora/coordenadora do curso de pós-graduação em Terapias Assistidas por Animais (TAA) com ênfase no Neurodesenvolvimento Atípico, ambos pela Faculdade ANCLIVEPA – SP. Também atua como coordenadora técnica do ReabilitAA – Belo Horizonte. E-mail: infectologia@faculdadeanclivepa.edu.br



Quando a influência digital passa a disputar decisões sobre a saúde do pet

A forma como os responsáveis tomam decisões sobre a saúde de cães e gatos mudou de maneira significativa nos últimos anos.

A internet deixou de ser apenas uma fonte de consulta complementar e passou a ocupar um papel central na jornada de cuidado dos pets. Hoje, antes mesmo da visita ao consultório, muitos responsáveis chegam munidos de informações, opiniões e recomendações encontradas em redes sociais, vídeos curtos e fóruns online.

Esse comportamento reflete uma transformação positiva. O responsável está mais atento, envolvido e interessado em compreender as melhores opções para o bem-estar do animal.

Ao mesmo tempo, esse excesso de informação cria um novo desafio para a saúde animal: distinguir conteúdos confiáveis de orientações imprecisas e garantir que decisões clínicas sejam baseadas em avaliação técnica individualizada.

O Radar VET 2025, estudo conduzido pelo Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal (Sindan), ajuda a dimensionar esse cenário. Segundo os médicos-veterinários ouvidos pela pesquisa, o profissional segue sendo a principal referência quando o assunto é a prescrição de vacinas e medicamentos.

No entanto, quando a conversa envolve bem-estar, alimentação, suplementos ou terapias alternativas, o protagonismo passa a ser compartilhado com o ambiente digital. A busca online e as recomendações informais ganharam peso real no processo de decisão dos tutores.

Esse movimento não ocorre por acaso. O animal de estimação ocupa, cada vez mais, o lugar de membro da família. Esse vínculo emocional reforça o desejo de prolongar a vida, garantir conforto e evitar sofrimento, o que leva o tutor a buscar múltiplas fontes de informação. A pressão por respostas rápidas, aliada à lógica dos algoritmos, cria um ambiente em que opiniões ganham visibilidade independentemente de embasamento científico.

Ao mesmo tempo, a transformação digital

também redesenha a atuação do médico-veterinário. O Radar VET mostra que 81% dos profissionais utilizam redes sociais para divulgar serviços e compartilhar conhecimento técnico. Entre os mais jovens, as plataformas digitais são vistas como uma extensão natural do consultório, um espaço para educação, relacionamento e construção de confiança. Essa presença é elevada em todas as regiões do país, com destaque para o Norte, onde 80% dos veterinários publicam conteúdos relacionados à saúde dos pets. A região concentra também o maior percentual de profissionais jovens: 87% têm até 39 anos.

No Sudeste, o índice de divulgação é menor, mas ainda significativo, alcançando 67%. Os dados indicam que a comunicação digital deixou de ser exceção e passou a integrar a prática profissional.

Quando bem utilizada, essa presença fortalece a autoridade do veterinário, amplia o acesso à informação de qualidade e contribui para escolhas mais seguras por parte dos responsáveis. O desafio está em estabelecer limites claros. A internet não substitui o diagnóstico clínico, assim como conteúdos em redes sociais não podem assumir o papel de prescrição ou orientação médica individual.

O avanço da saúde animal depende da capacidade do setor de equilibrar informação e responsabilidade. Transformar o ambiente digital em aliado passa por educação continuada, comunicação ética e valorização do conhecimento científico. Mais do que disputar espaço com a tela do celular, o veterinário tem o papel de contextualizar, orientar e traduzir a informação em cuidado efetivo.

Entre a velocidade das redes sociais e a escuta atenta do consultório, a saúde do pet depende de equilíbrio. Informação sem orientação pode confundir; orientação sem diálogo perde alcance. O caminho mais seguro está na convergência entre conhecimento científico, comunicação qualificada e a confiança construída na relação entre médicos-veterinários e responsáveis. ■

Gabriela Mura
é diretora de
mercado e assuntos
regulatórios do
Sindan

**QUANDO
NÃO HÁ
CURA,**
CUIDADOS
PALIATIVOS
PODEM SER A
RESPOSTA

» DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br



A maior longevidade dos animais de estimação fez com que a forma como os cães e gatos são cuidados mudasse. Se há alguns anos atrás a expectativa de vida era menor do que 10 anos, hoje essa perspectiva quase que dobrou.

Por mais que esse tempo maior com os pets seja muito positivo, ele esbarra nos prejuízos à saúde, indo de encontro com doenças que nem sempre têm cura. Nessas situações o foco principal é promover bem-estar aos animais e nesse cenário os cuidados paliativos possuem um papel central.

As raízes dos cuidados paliativos

na Medicina Veterinária são derivadas do Movimento Hospice da Medicina Humana, iniciado por Dame Cicely Saunders na década de 1960.

Para se adequar a realidade da profissão, eles foram empregados considerando as particularidades da relação veterinário-paciente-responsável e questões éticas próprias, como a eutanásia.

Segundo Marcelo Müller, médico-veterinário mestre em Pesquisa Clínica pela Fiocruz, consultor técnico em projetos de saúde e biotecnologia veterinária e autor do livro "Meu Pet... Meu Mundo...", a emergência dos cuidados paliativos na Medicina Veterinária foi impulsionada por três fatores interdependentes:



Avanços científicos e tecnológicos:

o desenvolvimento de melhores recursos diagnósticos, opções terapêuticas e manejo nutricional resultou no aumento significativo da longevidade dos animais de companhia. Esse cenário gerou uma nova realidade epidemiológica com maior prevalência de doenças crônicas, degenerativas e neoplásicas em pacientes geriátricos, cujo prognóstico nem sempre permite cura, mas pode promover qualidade de vida por períodos prolongados;



Transformação do vínculo humano-animal:

a intensificação do vínculo afetivo e a resignificação do papel dos animais de companhia na sociedade contemporânea alteraram profundamente as expectativas dos responsáveis. Essa mudança cultural criou uma demanda por alternativas assistenciais que transcendessem a dicotomia tradicional entre "tratamento curativo" e "eutanásia imediata", valorizando o cuidado centrado no bem-estar até o fim da vida;



Evolução ético-profissional:

a reflexão crítica dentro da classe veterinária questionou o paradigma centrado exclusivamente na

cura, reconhecendo que o alívio do sofrimento, a preservação da dignidade e a manutenção da qualidade de vida constituem objetivos terapêuticos legítimos e, em determinadas circunstâncias, prioritários. Já a criação de organizações, como a International Association for Animal Hospice and Palliative Care (IAAHPC) em 2009, formalizou e sistematizou esses princípios.

"Na minha prática clínica, a demanda por cuidados paliativos tem crescido de forma exponencial nos últimos anos, refletindo tanto a tendência global quanto a maior conscientização dos responsáveis sobre essa possibilidade terapêutica. Atualmente, estimo que cerca de 20 a 30% dos pacientes geriátricos que atendo estejam, em algum nível, sob protocolo paliativo", relata o profissional.

INDICAÇÃO REQUER ANÁLISE MINUCIOSA.

Diversos são os aspectos que podem ser analisados para que haja a recomendação do emprego dos cuidados paliativos.

Para o médico-veterinário, essa decisão deve ter como base princípios clínicos, éticos e centrados no paciente e em sua família. "O conceito central é a presença de uma doença que ameace ou limite significativamente a vida, seja pela ausência de tratamento curativo disponível ou pela progressão da enfermidade apesar das terapias instituídas", explica. »

Dessa forma, diferentemente do que muitos pensam, esse tipo de tratamento nem sempre está associado apenas à fase terminal dos animais. Na realidade, é possível oferecê-lo em conjunto ao tratamento modificador de uma doença, visando uma abordagem integrativa, que prioriza a qualidade de vida desde o diagnóstico de uma condição grave.

“A indicação formal dos cuidados paliativos ocorre quando há sintomas refratários que comprometem significativamente o bem-estar, tais como, dor crônica, dispneia, náusea persistente, anorexia e perda de mobilidade, quando o prognóstico indica expectativa de vida limitada (semanas a meses) ou quando a carga de tratamento (frequência de consultas, procedimentos invasivos, efeitos adversos) superam os benefícios em termos de qualidade de vida”, afirma Müller.

O responsável pelo animal também possui um papel central na decisão desse caminho. Ele pode, após entender todas as opções disponíveis, optar por não seguir com protocolos curativos agressivos, seja por razões financeiras, emocionais, éticas ou filosóficas.

O profissional ainda pontua que essa linha de cuidados é indicada quando o próprio paciente não apresenta condições clínicas adequadas para tolerar procedimentos invasivos ou terapias com perfil de efeitos adversos significativos, seja por idade, fragilidade ou comorbidades severas.

DOENÇAS DE MAIOR INCIDÊNCIA. Diversas são as enfermidades que podem fazer com que os animais sejam guiados pelo caminho dos cuidados paliativos.

Nos cães, as neoplasias possuem incidência elevada, estando entre as principais Osteossarcoma - especialmente em raças grandes e gigantes -, Hemangiossarcoma, Linfomas de alto grau e Mastocitomas em estadiamento avançado.

“A Osteoartrite severa, que limita drasticamente a mobilidade e gera dor crônica refratária, é outra indicação frequente, particularmente em animais de médio a grande porte e idosos. A Doença Renal Crônica (DRC) nos estágios IRIS 3 e 4, as cardiopatias em fase avançada e as doenças neurológicas degenerativas, como a Mielopatia Degenerativa, também figuram entre as principais demandas”, cita Marcelo.

Em gatos, o cenário não é muito diferente. Conforme o veterinário, a Doença Renal Crônica ocupa posição de destaque, sendo a principal causa isolada de necessidade de cuidados paliativos na espécie. “A prevalência e a complexidade do manejo da DRC felina são tão significativas que seu controle sintomático constitui uma área de expertise específica dentro dos cuidados paliativos veterinários”, relata.

Na espécie, as neoplasias também são relevantes, particularmente o Carcinoma de Células Escamosas (com ênfase nas formas orais), o Linfoma e o Fibrosarcoma associado ao local de injeção.

Na lista também pode ser incluída a Cardiomiopatia Hipertrófica em fase de Insuficiência Cardíaca Congestiva (ICC), as doenças infecciosas crônicas por retrovírus felinos (FIV e FeLV) - quando evoluem com comorbidades graves como anemia severa, neoplasias secundárias ou infecções oportunistas -, e o Hipertireoidismo complicado por doença renal ou cardíaca concomitante.

“Vale mencionar ainda que a doença periodontal e outras afecções orais crônicas graves, embora frequentemente subestimadas, também podem requerer abordagem paliativa quando causam dor significativa e comprometem a alimentação e qualidade de vida, especialmente em pacientes que não podem ser submetidos a procedimentos anestésicos”, complementa o mestre em Pesquisa Clínica.

QUALIDADE DE VIDA É O FOCO PRINCIPAL. A finalidade magna dos cuidados paliativos é promover qualidade de vida ao animal. Para isso existem quatro pilares interdependentes.

De acordo com Müller, o primeiro pilar consiste no controle dos sintomas, sejam eles, dor, náuseas, vômitos, dispneia, constipação, diarreia, prurido, ansiedade e qualquer outra fonte de desconforto físico ou emocional que comprometa o bem-estar do animal. “A meta é o conforto contínuo, não apenas temporário”.

O segundo pilar visa garantir suporte integral ao paciente. Nele são incluídos aspectos como manutenção da higiene corporal (banhos assistidos, limpeza de feridas, cuidados com escaras de decúbito), preservação ou assistência à mobilidade, nutrição ade-

quada às necessidades e preferências do animal e hidratação apropriada.

“O objetivo transcende a mera sobrevivência: buscamos permitir que o animal continue a expressar comportamentos naturais de sua espécie que lhe tragam prazer, conforto e dignidade”, pontua.

O terceiro pilar, por sua vez, reconhece que os cuidados paliativos não se restringem ao paciente, mas englobam toda a unidade familiar. Com isso, segundo Marcelo, o responsável é parte integrante da equipe de cuidados e, frequentemente, o principal cuidador no ambiente domiciliar.

Portanto, o suporte à família engloba educação sobre a doença e seu manejo, fornecimento de ferramentas práticas para os cuidados diários, apoio emocional durante o processo de luto antecipatório, alinhamento de expectativas realistas sobre prognóstico e qualidade de vida e capacitação para que a família seja a principal promotora do conforto do animal em casa.

Para finalizar, o quarto pilar define a tomada de decisão compartilhada e contínua. “Os cuidados paliativos não são estáticos, mas um processo dinâmico de reavaliação constante. A equipe veterinária e os responsáveis pelo animal trabalham colaborativamente, revisando regularmente se o plano terapêutico ainda está atingindo o objetivo central de manter ou melhorar a qualidade de vida e ajustando as intervenções conforme a doença progride ou as necessidades se modificam”, explica. »

Estimo que cerca de 20 a 30% dos pacientes geriátricos que atendo estejam, em algum nível, sob protocolo paliativo, afirma **Marcelo Müller**



A família cresceu!

SOFT
care
NUTRI



SERENITY PET TABS



Combinação de Proteína de inseto (BSF), Triptofano, Valeriana e Teanina que promovem alívio da ansiedade, estresse e agressividade causadas pela alteração do ambiente.

Você já ouviu falar na proteína BSF?

A proteína de BSF (Black Soldier Fly) é um ingrediente inovador, obtido a partir da mosca-soldado-negro, com alto valor nutricional e excelente desempenho funcional. Além dos benefícios nutricionais, a proteína de BSF é uma solução sustentável e ecologicamente responsável, alinhada às novas demandas do mercado pet por ingredientes inovadores e com menor impacto ambiental.

Quando comparada à produção de 1 kg de proteína bovina, a produção de 1 kg de farinha de inseto:

Emite 98% menos gases de efeito estufa, principalmente gases CO₂.

Reduz em 79% o consumo de água.

Utiliza 90% menos território.

IMMUNITY PET TABS



Combinação de Proteína de inseto (BSF), Betaglucanas, Vitamina B2, Leucina, Arginina, Isoleucina e Glutamina que fortalecem a resposta imunológica e auxiliam na recuperação muscular e no fortalecimento das defesas naturais.



HEP SAME PET TABS



Combinação exclusiva de SAME, Silimarina e Vitamina E, que atuam em sinergia para contribuir com o metabolismo hepático através de ação antioxidante.

RECURSOS SÃO VARIADOS

Para garantir a efetividade dos cuidados paliativos na Medicina Veterinária estão disponíveis algumas ferramentas

AS ESCALAS de avaliação objetiva são um exemplo e têm como finalidade transformar a qualidade de vida em algo tangível e mensurável, além de fornecer subsídios para guiar os médicos-veterinários nas decisões terapêuticas.

Marcelo cita que entre os instrumentos mais utilizados estão:

1 Escala HHHHMM: avalia Hurt (dor), Hunger (fome), Hydration (hidratação), Hygiene (higiene), Happiness (felicidade), Mobility (mobilidade) e More good days than bad (mais dias bons do que ruins);

2 Diários de qualidade de vida: são preenchidos diariamente pelos responsáveis registrando comportamentos e sintomas do animal;

3 Escala de Dor de Glasgow adaptada para cães: serve para avaliar os níveis de dor em cães;

4 Escala de Grimace Felina: indicada para avaliação objetiva da dor em gatos através de expressões faciais.

Além disso, existe também o manejo farmacológico multimodal da dor, que constitui o pilar central da abordagem paliativa. “Sua finalidade é atacar a dor por múltiplas vias neurológicas simultaneamente, maximizando a eficácia analgésica enquanto minimiza os efeitos colaterais de cada fármaco individual. Isso inclui a combinação criteriosa de anti-inflamatórios não esteroidais, opióides em diferentes apresentações e potências e analgésicos adjuvantes, que atuam em componentes específicos da dor”, pontua.

Já as terapias de reabilitação física possuem como finalidade a

manutenção ou recuperação parcial da mobilidade, a redução da dor muscular e articular secundária à inatividade e a promoção do bem-estar geral através do movimento.

Nelas podem ser incluídas fisioterapia com técnicas de cinesioterapia e laserterapia de baixa intensidade, acupuntura e hidroterapia em esteira aquática ou piscina para exercícios de baixo impacto, por exemplo.

Para Marcelo, o manejo de sintomas não dolorosos é igualmente crucial nos cuidados paliativos, pois busca controlar outros fatores que comprometem significativamente a qualidade de vida. “Isso envolve o uso de antieméticos potentes, estimulantes de apetite, fluidoterapia subcutânea domiciliar para manutenção da hidratação em pacientes renais, protetores gástricos, moduladores intestinais e ansiolíticos, quando necessário”, informa.

Para complementar, a adaptação ambiental é indicada com a finalidade de tornar o ambiente doméstico seguro, acessível e confortável para um animal com limitações físicas ou sensoriais.

Conforme relata o médico-veterinário, exemplos práticos incluem a instalação de pisos antiderrapantes, tapetes emborrachados, rampas de acesso a sofás e camas, camas ortopédicas com espuma de memória para prevenção de escaras de decúbito, elevação dos potes de comida e água para facilitar a alimentação e uso de fraldas ou forros absorventes para animais com incontinência.

“É fundamental compreender que essas ferramentas não são empregadas isoladamente, mas integradas em um plano terapêutico individualizado que é constantemente reavaliado e ajustado conforme as necessidades do paciente e as possibilidades da família”, comenta.

O MOMENTO DO FIM. Quando o cuidado paliativo deixa garantir qualidade de vida ao animal e o sofrimento se sobrepõe, a eutanásia pode ser uma solução digna para aliviar o sofrimento. “A recomendação da eutanásia deve ser feita de forma clara, honesta e profundamente empática pelo médico-veterinário em situações específicas”, afirma o especialista.

Para isso, de acordo com o profissional, podem ser seguidos alguns critérios. Primeiro, quando a equipe veterinária, baseada em avaliação técnica rigorosa e consenso clínico, conclui que o sofrimento do animal é irreversível e que nenhum ajuste adicional no protocolo terapêutico trará alívio significativo ou duradouro. “Essa avaliação considera não apenas a doença de base, mas a resposta (ou falta dela) aos tratamentos instituídos e a trajetória de declínio observada”, relata.

Segundo, quando a família, após ser devidamente informada sobre o prognóstico, as opções restantes e suas limitações - e após receber amparo emocional adequado - concorda que a qualidade de vida de seu animal está permanente e significativamente comprometida.

Terceiro, em situações de emergência ou agonia aguda, quando o animal se encontra em estado de sofrimento extremo e imediato. Exemplos são dispneia severa e refratária não responsiva ao suporte de oxigênio; crise convulsiva incessante; hemorragia maciça incontrolável; ou colapso cardiovascular irreversível.

Inclusive, Marcelo esclarece que nessas circunstâncias a eutanásia de emergência é não apenas recomendada, mas eticamente imperativa para cessar imediatamente um sofrimento intolerável.

“É fundamental e urgente desmistificar a eutanásia como sinônimo de fracasso médico ou abandono do paciente. Dentro do contexto dos cuidados paliativos, a eutanásia é reconhecida como uma ferramenta terapêutica legítima, ética e essencial. Frequentemente, representa o maior ato de amor, coragem e cuidado que responsáveis e veterinários podem oferecer a um animal cujo sofrimento ultrapassou os limites do tolerável”, conclui. ■



A construção da marca pessoal do médico-veterinário na era digital

Durante décadas, a autoridade do médico-veterinário foi construída quase exclusivamente dentro do consultório, da sala cirúrgica ou da sala de aula. Hoje, essa autoridade também se manifesta fora desses espaços.

As redes sociais transformaram o veterinário em um agente ativo de informação, educação e influência, não apenas para o responsável pelo animal, mas para o próprio mercado.

Esse movimento não nasce de uma lógica de autopromoção, mas de uma mudança no comportamento do responsável pelo animal contemporâneo. Mais informado, conectado e participativo, ele busca compreender diagnósticos, rotinas preventivas e decisões clínicas. Nesse contexto, o veterinário que comunica com clareza, responsabilidade e constância amplia sua relevância social sem comprometer sua credibilidade técnica.

A marca pessoal, nesse cenário, não é performance. É coerência. Trata-se da soma entre formação, prática clínica, valores éticos e a forma como tudo isso é traduzido em linguagem acessível no ambiente digital. O profissional não se torna influenciador porque “aparece”, mas porque se torna referência.

O mercado pet brasileiro amadureceu. Esse amadurecimento exige comunicação mais responsável, menos sensacionalista e mais educativa. E o veterinário ocupa posição central nesse processo. Quando ele explica, orienta e contextualiza, contribui para elevar o nível de entendimento do responsável pelo animal e fortalece a relação de confiança com toda a cadeia.

Construir presença digital, portanto, não significa transformar a clínica em um estúdio ou adotar uma linguagem incompatível com a profissão. Significa escolher pautas relevantes, respeitar limites éticos, evitar

promessas fáceis e compreender que cada postagem também educa. Um conteúdo simples sobre prevenção, bem-estar, nutrição ou manejo já cumpre um papel estratégico quando feito com responsabilidade técnica.

Orisco surge quando a busca por alcance se sobrepõe ao compromisso com a informação correta. A credibilidade do médico-veterinário é um ativo construído ao longo de anos de formação e prática. No ambiente digital, ela pode ser fortalecida ou fragilizada rapidamente. Por isso, a marca pessoal sustentável é aquela que prioriza consistência, não viralização.

Outro ponto central é entender que comunicação não substitui atendimento. Ela o complementa. O profissional que compartilha conhecimento cria familiaridade antes mesmo do primeiro contato presencial. Quando o responsável pelo animal chega à clínica já reconhecendo valores, postura e linguagem, a relação se estabelece de forma mais fluida e confiável.

Além disso, a presença digital bem estruturada também dialoga com outros profissionais. Trocas entre colegas, discussões técnicas e posicionamentos éticos fortalecem a imagem do veterinário como parte ativa de uma comunidade científica e profissional. A marca pessoal deixa de ser individualista e passa a representar compromisso com o setor.

No fim, o veterinário como comunicador não é uma tendência passageira, mas uma adaptação natural a um mercado mais transparente e participativo. Construir marca pessoal é assumir responsabilidade sobre o que se comunica, como se comunica e para quem se comunica.

Em um setor que lida com vínculos afetivos profundos, confiança não se improvisa. Ela se constrói também no digital com conhecimento, ética e propósito. ■

Franciele Pavei é médica-veterinária e especialista em marketing estratégico para o mercado pet, tendo atuação voltada a comunicação assertiva e ao posicionamento de marcas





PETISCOS PARA CÃES E GATOS

UM OLHAR CRÍTICO SOBRE **IMPLICAÇÕES NUTRICIONAIS**
E DESAFIOS REGULATÓRIOS

» **MONIQUE PALUDETTI, ERIKA PEREIRA E THAIS XIMENES**

Cães e gatos deixaram há muito tempo de ocupar exclusivamente ambientes externos e passaram a integrar o núcleo familiar, compartilhando rotinas e vínculos afetivos com seus responsáveis¹.

Essa mudança de status repercutiu diretamente sobre a forma como esses animais são alimentados, especialmente no que se refere à oferta de petiscos ou alimentos fora da dieta principal.

Para muitos responsáveis, oferecer alimentos extras representa uma forma de carinho, recompensa ou interação, sem considerar a ingestão frequente de calorias adicionais ou a substituição parcial de alimentos nutricionalmente adequados por petiscos, o que pode comprometer a saúde e o bem-estar dos animais^{2,3}.

Dentre os riscos do excesso de pe-

tiscos na dieta de cães e gatos destaca-se o desenvolvimento do sobrepeso e da obesidade^{4,5}. Em geral, os petiscos normalmente são fornecidos como um extra à alimentação, dessa forma, suas calorias não são contabilizadas na dieta.

Estima-se que hoje, no Brasil, aproximadamente 40% dos cães e 28% dos gatos estejam com sobrepeso ou obesidade^{6,8}, condição associada ao maior risco de doenças metabólicas, ortopédicas e inflamatórias, além do impacto negativo sobre a qualidade e a expectativa de vida⁹.

Outro aspecto relevante a ser considerado em relação à oferta excessiva de petiscos é o potencial de desequilíbrio nutricional. Por definição na legislação brasileira, petiscos são “produtos compostos por ingredientes/matérias-primas ou aditivos destinados exclusivamente à alimentação de animais de estimação com finalidade de agrado, prêmio »



ou recompensa e que não se caracterizam como alimento completo, podendo possuir propriedades específicas”¹⁰.

Sendo assim, de modo geral, os petiscos não são alimentos completos, ou seja, não contém em sua composição a totalidade de nutrientes essenciais para cães e gatos e suas quantidades adequadas. A recomendação é que calorias advindas de petiscos e outros alimentos não completos não exceda 10% das calorias totais da dieta. Dessa forma, minimiza-se o risco de deficiências ou excessos nutricionais^{11,13}.

No entanto, para os responsáveis pelos animais esse cálculo pode ser complexo e é preciso ter conhecimento do conteúdo calórico do alimento que o animal está consumindo e dos petiscos que serão oferecidos. Somado a isso, tem-se que muitas empresas não declaram os níveis de garantia e, principalmente, a energia metabolizável dos seus produtos, dificultando ainda mais para o responsável saber se o petisco apresenta alto conteúdo calórico ou não.

O mercado pet oferece atualmente uma ampla variedade de opções, que inclui desde produtos industrializados de baixa qualidade até petiscos elaborados com ingredientes selecionados e propostas funcionais.

Paralelamente, observa-se o crescimento expressivo da oferta de petiscos caseiros, artesanais ou rotulados como “naturais”, frequentemente associados a promessas de benefícios à saúde sem respaldo científico^{2,14}.

Essa categoria merece atenção especial, uma vez que muitos desses produtos são comercializados ou produzidos por pessoas sem formação em nutrição animal, aproveitando-se da expansão do mercado pet e da percepção positiva associada ao termo “natural”.

É possível encontrar ainda inúmeras receitas na internet de petiscos naturais e supostamente “saúdáveis” para serem feitos em casa. Tais petiscos caseiros ou “artesanais” representam um risco ainda maior, haja vista a ausência de informações sobre sua composição e sobre a qualidade do seu processo de fabricação e ingredientes.

Frequentemente, esses produtos apresentam elevado teor calórico e perfil nutricional desbalanceado, expondo cães e gatos aos mesmos riscos associados ao excesso de petis-

cos industrializados, com o agravante da ausência de controle regulatório.

Nesse cenário, as diretrizes da World Small Animal Veterinary Association (WSAVA)¹² assumem papel fundamental ao estabelecer, desde 2011, recomendações para a avaliação nutricional de cães e gatos. A entidade reconhece a nutrição como o quinto parâmetro vital a ser avaliado em consultas clínicas, ao lado de pulso, temperatura, frequência respiratória e dor.

Assim, o levantamento detalhado do histórico alimentar deve fazer parte da rotina clínica do médico-veterinário, permitindo identificar excessos, práticas inadequadas e o uso indiscriminado de petiscos.

Com base nessas informações, torna-se possível orientar de forma individualizada os responsáveis quanto à escolha, à frequência e à quantidade adequada de petiscos, promovendo uma abordagem mais segura, consistente e alinhada à saúde a longo prazo dos animais. ■



Monique Paludetti, médica-veterinária com residência em Nutrição e Nutrição Clínica de Cães e Gatos pela UNESP/Jaboticabal. Doutoranda em Clínica Veterinária com ênfase em Nutrição de Cães e Gatos pela FMVZ- USP. Clínica na área de Nutrição de cães e gatos. E-mail: monique.paludetti@usp.br

Erika Pereira, médica-veterinária com residência em Clínica Médica de Cães e Gatos pela UFF. Especialização em Nutrição e Nutrologia pela ANCLIVEPA-SP. Mestre em Clínica Veterinária com ênfase em Nutrição de Cães e Gatos pela FMVZ-USP. E-mail: mverikapereira@gmail.com

Thais Ximenes, médica-veterinária com residência em Nutrição e Nutrição Clínica de Cães e Gatos pela UNESP/Jaboticabal. Pós-graduanda em Endocrinologia veterinária pela Equalis Veterinária. Clínica na área de Nutrição Clínica de cães e gatos. E-mail: thais.ximenes@unesp.br

CONECTE-SE AO ECOSISTEMA DA SAÚDE ANIMAL

**Amplie conexões e explore novos negócios
no mercado da Medicina Veterinária.**

A Animal Health Science é um dos maiores ecossistemas de negócios, ciência e educação da medicina veterinária, que conecta indústrias de saúde animal a decisores de clínicas, hospitais e centros de diagnóstico veterinários.

+250 • Visibilidade
• Relacionamento
• Negócios
Marcas Expositoras

SEJA UM EXPOSITOR!



animalhealthexpoforum.com.br
@animalhealthexpoforum



ANIMAL

FEIRA DE NEGÓCIOS
CONGRESSO CIENTÍFICO
FORUM DE GESTÃO
HUB DE NETWORKING

HEALTH SCIENCE CONGRESS+EXPO

10 - 12 Março de 2026 em São Paulo, SP Brasil



EXPO CENTER NORTE

Centro de exposições e convenções

MÍDIAS PARCEIRAS:



Clínica
Veterinária



SEGURANÇA ALIMENTAR TOTAL

PREMIERPET INVESTE EM CONTROLE PRODUTIVO RIGOROSO PARA A PRODUÇÃO DE ALIMENTOS SEGUROS E CONFIÁVEIS PARA CÃES E GATOS

» **DANIELLE ASSIS**

danielle@dc7comunica.com.br

Durante a cadeia produtiva, os alimentos destinados à nutrição animal podem sofrer diferentes tipos de contaminação, o que exige um trabalho minucioso das grandes indústrias para preveni-las.

Na prática, existem quatro categorias principais de contaminações: biológica, química, física e cruzada.

Segundo Juliana Toloí Jeremias, médica-veterinária, mestre e doutora em Nutrição e Nutrição Clínica de Cães e Gatos e diretora técnica de desenvolvimento de produtos do Centro de Desenvolvimento Nutricional da PremierPet, a contaminação biológica está relacionada à presença de microrganismos que podem comprometer a segurança e a qualidade dos alimentos.

“Entre os principais agentes estão bactérias, como *Salmonella* spp., *Listeria monocytogenes* e *Escherichia coli*, além de fungos associados a condições inadequadas de armazenamento”, explica.

Nesses casos, o controle depende de uma seleção criteriosa de matérias-primas, da aplicação de processos térmicos adequados e do rigor nas práticas de higiene e sanitização.

Já a presença de contaminantes químicos também pode impactar a segurança dos alimentos e a saúde dos pets. Entre eles, destacam-se micotoxinas naturalmente presentes em alguns ingredientes de origem vegetal, resíduos de defensivos agrícolas, metais pesados e outros contaminantes ambientais.

“A prevenção envolve o monito-

ramento constante das matérias-primas, a qualificação de fornecedores e o acompanhamento analítico ao longo do processo produtivo”, pontua Juliana.

Por outro lado, a contaminação física está relacionada à presença de corpos estranhos, como fragmentos de metal, plástico ou vidro. A especialista afirma que a melhor forma de evitá-la é por meio da adoção de sistemas de controle, como peneiras, imãs e detectores de metais, aliados à manutenção preventiva dos equipamentos.

Por fim, a contaminação cruzada pode ocorrer em linhas de produção que fabricam diferentes formulações.

“Seu controle é importante, principalmente, em produtos destinados a dietas específicas ou hipoalergênicas.

Procedimentos padronizados de limpeza, segregação de ingredientes e rastreabilidade contribuem para garantir a conformidade dos alimentos”, destaca.

POR DENTRO DA FÁBRICA. Conforme explica Jeremias, a produção de alimentos para pets requer elevados padrões de qualidade e segurança para assegurar produtos confiáveis, alinhados às necessidades nutricionais dos animais e às exigências regulatórias.

“A PremieRpet mantém um compromisso permanente com a qualidade, adotando um sistema integrado de controle de perigos baseado nas Boas Práticas de Fabricação (BPF), em programas de autocontrole e na aplicação do APPCC, em conformidade com os requisitos da certificação SQF (Safe Quality Food). Essas ações asseguram a produção de alimentos seguros e confiáveis, além de reforçarem o compromisso da empresa com a segurança, a qualidade e a transparência”, declara.

Para prevenir as contaminações, a companhia desenvolve um conjunto integrado de medidas de segurança, baseadas em uma abordagem preventiva, estruturada e alinhada às exigências regulatórias e às melhores práticas internacionais de segurança dos alimentos.

“A partir da aplicação rigorosa das Boas Práticas de Fabricação (BPF), são realizados controles de higiene, sanitização, infraestrutura, manutenção de equipamentos e capacitação contínua dos colaboradores. Também dispomos de programas de autocontrole para o monitoramento sistemático de matérias-primas, processos, ambiente e produto acabado”, pontua Jeremias.

A prevenção de contaminações também é reforçada pela implementação da Análise de Perigos e Pontos Críticos de Controle (APPCC), que permite a identificação e o controle dos perigos biológicos, químicos e físicos ao longo da cadeia produtiva. “Complementarmente, são adotados programas de qualificação e monitoramento de fornecedores, controle de armazenamento, segregação de ingredientes, rastreabilidade e planos de resposta a desvios.

Essas práticas são conduzidas em conformidade com normas e certificações reconhecidas internacionalmente, como a Safe Quality Food (SQF), assegurando



Juliana Tolo Jeremias, médica-veterinária, mestre e doutora em Nutrição e Nutrição Clínica de Cães e Gatos e diretora técnica de desenvolvimento de produtos do Centro de Desenvolvimento Nutricional da PremieRpet

processos robustos, melhoria contínua e a entrega de produtos seguros, confiáveis e de alta qualidade ao mercado”, completa.

Outro ponto importante é o uso de equipamentos de alta tecnologia em todas as fábricas da PremieRpet, responsáveis por processos controlados, automatizados e monitorados.

PREJUÍZOS À SAÚDE. Toda contaminação pode causar impactos à saúde dos animais, mas o nível de prejuízo depende de fatores como o tipo de contaminante, o grau e a frequência de exposição e as características individuais do animal.

A diretora técnica da PremieRpet esclarece que os efeitos podem se manifestar de forma aguda ou crônica, apresentando diferentes graus de severidade.

“A presença de contaminantes biológicos, como microrganismos patogênicos, pode resultar em alterações gastrointestinais e sistêmicas, especialmente em animais mais suscetíveis. Já a exposição a contaminantes químicos pode ocasionar efeitos cumulativos, com potencial impacto sobre funções metabólicas, hepáticas, renais e imunológicas”, relata.

Quando ocorre contaminação física, podem surgir lesões no trato digestório, que representam risco à integridade e ao bem-estar do animal.

Em situações de contaminação cru-

zada por alérgenos, os animais sensíveis podem apresentar reações adversas decorrentes da ingestão de proteínas não intencionalmente presentes no alimento.

HOUE CONTAMINAÇÃO. E AGORA? Mesmo com todos esses rigorosos processos, ainda podem ocorrer contaminações nos alimentos durante as etapas de armazenamento, transporte e comercialização.

Entre os motivos estão falhas de higiene, controle ambiental inadequado, danos às embalagens, presença de pragas, transporte em veículos inadequados ou a venda a granel, prática não recomendada, que expõe o produto ao ambiente e ao manuseio frequente. Por isso, de acordo com a profissional da PremieRpet, são adotados procedimentos para assegurar condições adequadas ao longo de toda a cadeia de distribuição, preservando a qualidade e a segurança do produto até o consumidor final.

Nesse cenário, a embalagem dos alimentos para pet food torna-se um elemento essencial na prevenção de contaminações, pois atua como uma barreira física de proteção durante o armazenamento, transporte e comercialização.

CUIDADOS COM A EMBALAGEM. As embalagens utilizadas em alimentos secos e cookies da PremieRpet são compostas por múltiplas camadas de materiais, que conferem alta resistência mecânica e criam uma barreira contra umidade, oxigênio, luz e contaminantes externos.

Juliana relata que essa tecnologia contribui para a manutenção do frescor, da estabilidade nutricional e da segurança do alimento. Os sachês autoclaváveis, usados em alimentos úmidos, são desenvolvidos com materiais específicos capazes de suportar processos térmicos de esterilização. Segundo a profissional, após o envase, o produto passa por tratamento térmico que elimina microrganismos patogênicos. Além disso, a embalagem selada impede recontaminações, garantindo segurança microbiológica e maior vida de prateleira, sem necessidade de conservantes artificiais.

“A adoção de tecnologias avançadas em embalagens para pet food é parte essencial do sistema de segurança dos alimentos, assegurando a integridade do produto e contribuindo para a entrega de alimentos seguros, confiáveis e de alta qualidade ao consumidor final”, finaliza. ■

PERIGO INVISÍVEL AOS OLHOS

AS MICOTOXINAS REPRESENTAM **UM RISCO PARA A SAÚDE DOS PETS** E SE DESENVOLVEM NOS ALIMENTOS QUANDO ENCONTRAM CONDIÇÕES ADEQUADAS DE UMIDADE E CALOR

» **DANIELLE ASSIS**

danielle@dc7comunica.com.br

Recentemente, as micotoxinas voltaram a ser foco das discussões no pet food. O motivo é a aprovação da portaria SDA/MAPA nº 1.412 pelo Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA), que define novos limites máximos de micotoxinas em produtos destinados à alimentação de cães e gatos.

Mas, afinal, o que muda com essa nova portaria e o que são as micotoxinas? Para responder esses questionamentos conversamos com a médica-veterinária mestre e doutora em Nutrição de cães e gatos e membro do Colégio Brasileiro de Nutrição Animal Pet (CBNA PET) e da Sociedade Brasileira de Nutrição e Nutrologia de Cães e Gatos (SBNutriPet), Luciana Domingues de Oliveira.

“A portaria nº 1.412, de 3 de outubro de 2025, determina de forma inédita os limites máximos de aflatoxinas B1 e de aflatoxinas totais (somatória das aflatoxinas B1, B2, G1 e G2) em produtos destinados à alimentação de cães e gatos.

Essa mudança é positiva e aumenta a segurança de alimentos para as espécies, trazendo também mais segurança aos responsáveis que preferem usar rações e produtos industrializados na alimentação de seus animais”, explica.

Ainda segundo a profissional, a existência de limites claros e fiscalizáveis permite um controle de qualidade mais rigoroso por parte da indústria e dos órgãos de fiscalização, reduzindo os riscos de doenças e óbitos em pets causados pelo consumo de alimentos contaminados.

ENTENDENDO AS MICOTOXINAS.

Basicamente, as micotoxinas são metabólitos secundários tóxicos produzidos por fungos filamentosos.

Luciana esclarece que elas podem contaminar alimentos usados tanto para alimentação humana, quanto animal, quando esses microrganismos estão na presença de condições adequadas de umidade e calor. “Parte das micotoxinas são resistentes ao

processamento térmico e podem estar presentes mesmo em produtos industrializados. Os principais fungos produtores de micotoxinas em alimentos para cães e gatos são os gêneros *Aspergillus*, *Penicillium* e *Fusarium*", pontua.

Esses fungos estão presentes em diferentes alimentos, como milho, trigo, cevada, aveia, amendoim, nozes, castanhas, café, frutas secas e produtos derivados, como suco de maçã.

Com isso, as rações podem conter micotoxinas devido ao uso de ingredientes que contenham essas substâncias ou porque o processamento não foi adequado e a ração acabou retendo mais umidade que o ideal. "As micotoxinas mais comuns encontradas em alimentos para pets são aflatoxinas, fumonisinas, ocratoxina A, zearalenona e deoxinivalenol (DON)", informa a especialista.

CONTROLE NO PROCESSO DE PRODUÇÃO. Para evitar que os alimentos sejam contaminados pelas micotoxinas é preciso realizar um controle multimodal, que acontece em diferentes pontos do processo de produção.

A médica-veterinária explica que tudo começa com a qualidade dos fornecedores de matérias-primas. Também é importante analisar cada novo lote de insumos. Para isso é indicado testar todos os lotes de ingredientes que têm potencial de contaminação por micotoxinas antes da descarga.

"Deve-se, ainda, controlar o processo de produção através da mensuração contínua da umidade e atividade de água dos alimentos durante sua produção. Já quando o produto final estiver pronto, é necessário garantir teores adequados de umidade, atividade de água e temperatura durante o envase dos alimentos. Assim, evita-se a formação de gotículas de água dentro da embalagem", afirma.

Inclusive, a embalagem é uma peça-chave para prevenir as contaminações. Dessa forma, é fundamental que não apresente furos, que permitam o surgimento de umidade enquanto o produto está na prateleira das lojas.

Outro ponto que faz parte da prevenção às micotoxinas é o uso dos antifúngicos nos alimentos para pets. De acordo com a especialista, alguns antifúngicos utilizados para essa finalidade são: propionato de cálcio, ácido propiônico, ácido cítrico e ácido sórbico.

PERIGOS ENVOLVIDOS

A contaminação por micotoxinas pode tornar os alimentos verdadeiros vilões para a saúde de cães e gatos. Conforme relata Oliveira, os riscos da ingestão vão desde problemas agudos e crônicos até óbito em casos mais graves. Dentre eles estão:



Sintomas gastrointestinais agudos: náuseas, vômitos e diarreia;



Sintomas neurológicos agudos: tremores musculares, convulsões, ataxia, fraqueza, agitação ou depressão e letargia;



Outros sintomas agudos: temperatura corporal alterada, aumento da frequência cardíaca e respiratória e salivação excessiva;



Sintomas crônicos: hepatopatias, câncer, redução da imunidade, perda de peso, diminuição do crescimento, hemorragias, etc.

Também há os adsorventes de micotoxinas, que podem ser usados sozinhos ou em associação aos antifúngicos.

"Dentre esses, temos os adsorventes inorgânicos, que incluem principalmente os aluminossilicatos como argilas e zeólitas, e os orgânicos, que são mais recentes e produzidos à base de algas ou leveduras modificadas", cita.

CUIDADOS COM O ARMAZENAMENTO. O armazenamento adequado dos alimentos para pets é uma ação indispensável quando se fala em prevenção de micotoxinas.

Oliveira recomenda a realização de ações para orientar os responsáveis pelos animais sobre a importância de manter os alimentos em condições ideais de acondicionamento e longe de umidade e do calor. "As micotoxinas podem surgir nas rações quando existe um ambiente que permita o crescimento de fungos. Isso ocorre em condições ambientais como temperaturas elevadas (entre 20°C e 30°C) e alta umidade, que são situações muito comuns em países tropicais como o Brasil, principalmente, depois que as pessoas abrem a embalagem e não a mantêm em ambiente seco, fresco e arejado como recomendado pelos fabricantes", explica.

Logo, as embalagens devem sempre ficar fechadas e armazenadas em ambiente seco, fresco, arejado e longe de umidade e da luz solar direta.

Também é importante que as rações sejam conservadas em suas embalagens originais, pois existe um trabalho dos fabricantes em desenvolver pacotes que ajudem a manter a qualidade dos seus alimentos. "Quando retiramos os alimentos de suas embalagens originais, além do fabricante não poder garantir a qualidade dos alimentos, caso haja qualquer problema com a ração, o consumidor não terá as informações necessárias para fazer a solicitação de troca ou reclamação, como número de lote, data de fabricação e data de validade", finaliza. ■

Os riscos da ingestão de micotoxinas vão desde problemas agudos e crônicos até óbito em casos mais graves, afirma **Luciana Domingues de Oliveira**, médica-veterinária mestre e doutora em Nutrição de cães e gatos



QUANDO O ESTÔMAGO SE DILATA E GIRA

OS DESAFIOS DA **TORÇÃO VÓLVULO GÁSTRICA** EM CÃES

» **REBECCA VETTORE**

rebecca@dc7comunica.com.br

A Síndrome de Dilatação Vólvulo Gástrica (DVG), também conhecida como Torção Vólvulo Gástrica (TVG), está entre as emergências mais graves da clínica médica e cirúrgica de pequenos animais. Segundo o médico-veterinário Danilo de Padua Santos Silva, especialista em Dermatologia e Nefrologia pela Universidade de São Paulo (USP), a torção é definida como uma síndrome no qual o estômago se dilata e sofre rotação em torno do próprio eixo central.

Essa é considerada uma condição aguda, de evolução rápida e potencialmente fatal, que exige reconhecimento imediato, estabilização intensiva e intervenção cirúrgica sem demora.

Apesar de amplamente conhecida pelos médicos-veterinários, a DVG ainda representa um grande desafio, tanto pela complexidade fisiopatológica quanto pelas alterações sistêmicas profundas que desencadeia.

Por isso, a compreensão detalhada dos mecanismos envolvidos, dos fatores predisponentes, das manifestações clínicas e das estratégias terapêuticas é fundamental para que o profissional consiga atuar de forma rápida e assertiva, reduzindo as taxas de mortalidade associadas à enfermidade.

FISIOPATOLOGIA COMPLEXA E MULTIFATORIAL. Do ponto de vista fisiopatológico, a DVG é resultado da associação entre dilatação gástrica e obstrução funcional ou mecânica dos principais orifícios do estômago: o gastroesofágico e o pilórico. “Os

principais mecanismos envolvidos são o acúmulo de fluido ou de ingesta no interior do estômago, somado à dificuldade de eliminação desse conteúdo por vias fisiológicas”, explica Padua.

Quando ocorre o fechamento funcional ou mecânico desses orifícios, o estômago perde sua capacidade de esvaziamento e de eructação. Esse acúmulo progressivo de conteúdo promove uma distensão acentuada, que favorece a rotação do órgão em torno do seu eixo longitudinal e se estende do cárdia ao piloro.

O veterinário comenta que, na maioria dos casos, essa rotação ocorre no sentido horário, embora também possa acontecer no sentido oposto. Independentemente da direção, a torção leva ao deslocamento anatômico do estômago, alterando sua posição normal na cavidade abdominal e comprometendo estruturas adjacentes. Além disso, essa

rotação não se limita a uma alteração mecânica isolada. Ela resulta em lesão gástrica direta e desencadeia múltiplas anormalidades sistêmicas, principalmente secundárias a fenômenos de isquemia e reperfusão.

Por fim, a diminuição do fluxo sanguíneo para o estômago e outros órgãos leva à hipóxia tecidual, enquanto a posterior restauração desse fluxo contribui para a liberação de mediadores inflamatórios e endotoxinas, agravando o quadro sistêmico.

FATORES ANATÔMICOS E FUNCIONAIS. A conformação anatômica do animal exerce papel central na predisposição à Torção Vólvulo Gástrica. “Os cães com tórax profundo



e estreito apresentam maior dificuldade na eructação, o que favorece o acúmulo de gases no estômago. Essa característica anatômica cria um ambiente propício para a dilatação gástrica e, consequentemente, para a torção”, conta Padua.

Segundo ele, entre as raças de cães com maior predisposição estão pastor alemão, dogue alemão, boxer, são bernardo, rottweiler, labrador retriever, fila brasileiro e setter irlandês.

Além dessas raças, que compartilham características anatômicas semelhantes, como porte elevado e tórax profundo, aspectos que aumentam o risco de desenvolvimento da síndrome, a DVG não é exclusiva desses grupos. “Outros perfis raciais, incluindo cães de raças menores, também podem desenvolver a condição, embora com menor frequência. Casos em gatos são raros, mas possíveis”, explica.

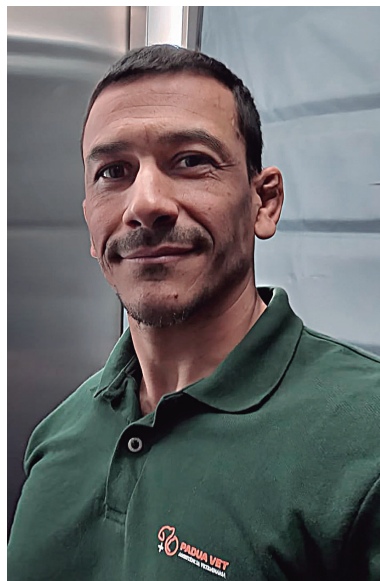
Contudo, outros fatores individuais influenciam o risco do desenvolvimento da síndrome, como idade avançada, sobrepeso e temperamento ansioso. Já os cães mais velhos, tendem a apresentar maior flacidez dos ligamentos gástricos, o que facilita a mobilidade excessiva do estômago.

“O excesso de peso também contribui para alterações na dinâmica abdominal, enquanto a ansiedade está frequentemente associada à ingestão rápida de alimentos e ar”, pontua o profissional.

Para complementar, fatores funcionais podem contribuir de forma significativa para o desenvolvimento da DVG. Exemplos são o comportamento alimentar, a ingestão rápida de alimentos, o consumo excessivo de água, o exercício físico realizado antes ou logo após as refeições e estados de ansiedade.

SINAIS CLÍNICOS E EVOLUÇÃO DA DOENÇA. Os sinais clínicos da Torção Vólculo Gástrica variam conforme a fase da doença, mas costumam evoluir rapidamente. De acordo com o veterinário, os primeiros sinais observados incluem tentativas repetidas de êmese sem sucesso, salivação excessiva e inquietação.

“Esses sinais refletem o desconforto gástrico e a incapacidade do animal de aliviar a distensão por meio do vômito ou da eructação. À medida que a condição progride, ocorre distensão abdominal progressiva, geralmente acompanhada



Danilo de Padua Santos Silva, médico-veterinário com especialização em Dermatologia e Nefrologia pela Universidade de São Paulo (USP)

da dor evidente à palpação”, conta.

Com o avanço do quadro, o paciente passa a apresentar prostração, fraqueza e letargia. As mucosas tornam-se pálidas e frias, indicando comprometimento da perfusão periférica. Nessa fase, o risco de choque é elevado e o tempo torna-se um fator crítico para a sobrevivência do animal.

Esses achados físicos devem acender um alerta imediato durante o atendimento de emergência, especialmente em cães pertencentes a grupos de risco.

DIAGNÓSTICO E ESTABILIZAÇÃO CLÍNICA. O diagnóstico da torção baseia-se na associação entre sinais clínicos, exame físico e exames complementares. Na rotina clínica, Padua destaca a importância de exames como hemograma, bioquímica sérica e urinálise, que auxiliam na avaliação do estado sistêmico do paciente. “Alterações nesses exames podem indicar disfunções orgânicas secundárias à hipóxia, ao choque e à liberação de endotoxinas. Embora não sejam específicos para DVG, fornecem informações valiosas para o manejo clínico e anestésico”, afirma.

O especialista explica, ainda, que o manejo terapêutico da Torção Vólculo Gástrica começa antes mesmo da intervenção cirúrgica. “A estabilização do paciente é uma etapa fundamental para aumentar as chances de sucesso

do procedimento e reduzir complicações intra e pós-operatórias”, esclarece.

Ainda segundo o médico-veterinário, o primeiro passo clínico imediato é a descompressão gástrica, que pode ser realizada por meio de gastrocentese.

Esse procedimento visa aliviar a pressão exercida pelo estômago distendido sobre os órgãos adjacentes e os grandes vasos, melhorando o retorno venoso e a ventilação pulmonar.

Simultaneamente, deve-se instituir fluidoterapia intensiva com o objetivo de auxiliar na eliminação de endotoxinas e restabelecer a perfusão tecidual. A administração de protetores gástricos, antibióticos e analgésicos também faz parte do protocolo de estabilização, contribuindo para o controle da dor, da infecção e das lesões gástricas.

Como a DVG provoca alterações importantes nos sistemas cardiovascular e respiratório, os cuidados anestésicos merecem atenção especial nesses casos.

TRATAMENTO CIRÚRGICO E PREVENÇÃO. A cirurgia é o tratamento definitivo da Torção Vólculo Gástrica. De acordo com Padua, os principais objetivos da abordagem operatória são o esvaziamento completo do estômago e o reposicionamento do órgão à sua posição anatômica normal. “Durante o procedimento, avalia-se também a viabilidade da parede gástrica e de outros órgãos eventualmente comprometidos pela isquemia. No entanto, um dos pontos mais importantes da cirurgia é a realização da gastropexia permanente do lado direito”, conta.

Apesar da gravidade da torção, algumas estratégias de prevenção podem ser adotadas na prática clínica e na orientação aos responsáveis, especialmente em cães pertencentes a grupos de risco.

“É importante que cães com predisposição evitem a ingestão excessiva de alimentos ou líquidos e recomendando-se a oferta de refeições menores e fracionadas ao longo do dia. Além disso, é indicado restringir exercícios antes e após a alimentação, o que é fundamental para reduzir o risco de dilatação gástrica”, aconselha.

O uso de comedouros lentos também pode ajudar a diminuir a velocidade de ingestão do alimento, enquanto a atenção à posição e à elevação dos comedouros pode contribuir para uma alimentação mais controlada. ■

DOR E ALOPECIA PSICOGÊNICA ASSOCIADOS AO BEM-ESTAR E QUALIDADE DE VIDA DE FELINOS

» JULYENNE CHRISTYNNE ESCRIVANI FRASNELLI
julyennece@gmail.com

Felina, cinco anos, adulta e castrada, com teste de FIV/FelV negativo e resgatada em 2021. Pouco tempo depois de chegar ao lar do adotante apresentou lambedura excessiva, ocasionando alopecia em região dorsal.

Em 2023, com mudança de residência, as lambeduras se intensificaram, gerando dermatite. Foi instaurado tratamento com corticoide na dose de 1 mg/kg por sete dias, dipirona 10 mg/kg duas vezes ao dia durante três dias, Regepil uma vez ao dia até remissão da lesão e ração hipoalergênica, sem resolução dos sintomas.

O quadro evoluiu para sinais comportamentais evidentes de medo e reclusão. Foi solicitado raio-x, evidenciando-se alterações degenerativas em vértebras torácicas e alteração morfológica em vértebras dorsais T11-T12.

A prescrição de amitriptilina 1 mg/kg durante 15 dias piorou o quadro e foi suspenso. O tratamento foi trocado para gabapentina na dose de 10 mg/kg duas vezes ao dia e, após 20 dias, notou-se melhora inconsistente do caso, caracterizada por alternância de períodos de melhora e piora.

Após realização de ressonância magnética constatou-se mielopatia compressiva por provável protusão discal



em T11-T12 e T12-T13, bem como discopatias não compressivas de T7 a T10, além de degeneração de alguns discos intervertebrais e osteoartrose.

Mesmo com a inclusão de fisioterapia ao tratamento farmacológico, não houve melhora do quadro clínico.

Optou-se pela mudança multimodal do tratamento e foi realizada avaliação pela escala Grimace por médico-veterinário especializado em Neurologia e Ortopedia, no qual a paciente não mostra nenhuma alteração digna de nota, o que é curioso visto que se machuca de tanto lambear e mordiscar a região.

A ração hipoalérgica foi substituída e se iniciou o uso de outras medicações, como pregabalina 2,5 mg/kg duas vezes ao dia, clomipramina 0,3 mg/kg uma vez ao dia por, pelo menos, seis meses e Ograx Artro 5 e Macrogard Pasta de uso contínuo até novas orientações.

Com esse protocolo notou-se melhora significativa do quadro clínico em um período de dois meses. No entanto, passado esse tempo houve recorrência do quadro, sendo incluído no protocolo robenacoxibe 1 mg/kg uma vez ao dia por cinco dias e manutenção com meloxicam 0,05 mg/kg uma vez ao dia até novas orientações.

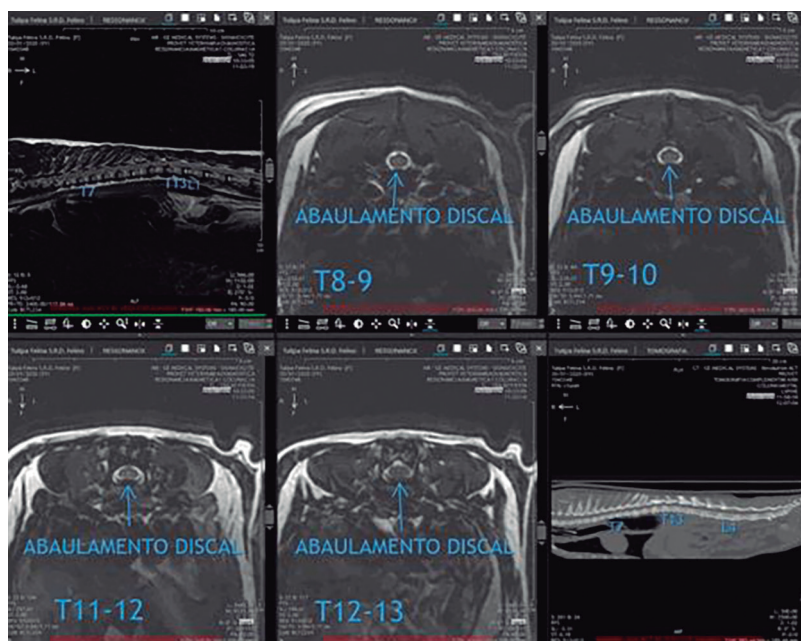
Em seguida, foi realizada a retirada gradativa da clomipramina e indicado acupuntura. Após as alterações, a paciente segue estável e apresentando melhora há cinco meses.

DISCUSSÃO. Conforme as alterações, pode-se constatar que a melhora do quadro clínico manteve-se estável somente após a introdução de um tratamento multimodal. De fato, não houve uma mudança consistente a partir de abordagem isolada no contexto farmacológico, nutricional e de reabilitação.

A alopecia psicogênica é um distúrbio bem reconhecido em gatos, no entanto pouco se fala sobre a dor associada a este transtorno. Embora a incidência deste estado de morbidade na população felina seja desconhecida, o mesmo deve ser levado em consideração e abordado de forma multimodal^{1,2,5,6,7}. A dor crônica é

Tomografia

computadorizada evidenciando as lesões compatíveis com as áreas de alopecia



uma preocupação significativa para o bem-estar dos gatos e a dor neuropática é uma subcategoria desse tipo de dor¹.

Considerando a importante relação entre dor crônica e os aspectos emocionais em felinos gatos, compreender e abordar os fatores emocionais que contribuem para a percepção da dor, e vice-versa, é essencial para um cuidado integral¹⁸.

Tanto o distresse, quanto a dor mal adaptativa alteram o funcionamento da circuitaria córtico-límbica, afetando os aspectos emocionais, cognitivos e a tomada de decisões¹⁶.

A dor está intrinsecamente ligada ao bem-estar dos gatos domésticos¹ e pode influenciar de forma direta e indireta como o felino interage com o ambiente¹⁶.

Conhecer a etologia e fisiologia da espécie, o mecanismo de ação das abordagens medicamentosas e não medicamentosas, bem como suas possíveis interações é primordial para um bom tratamento¹³⁶. Toda abordagem multimodal deve levar em conta as técnicas MEMO, cinco pilares e manejos amigáveis ao gato^{13,4,5,6,7}.

CONCLUSÃO. O tratamento integrado a partir da utilização de fármacos apropriados, abordagem nutricional e reabilitação é essencial para o sucesso do tratamento da dor associada ao bem-estar^{13,4,5}.

Além disso, é importante investigar a influência da dor em casos diagnosticados como alopecia psicogênica²⁷, visto que a paciente só teve o quadro estabili-

zado após intensificação no tratamento de dor, mesmo não apresentando alterações em escala Grimace significativas. ■

Referências

- RUSBRIDGE C. Neuropathic pain in cats mechanisms and multimodal management. *Journal of Feline Medicine and Surgery* (2024) 26, 1-19
- LINDEMAN K. S. MJUse of clomipramine in the treatment of anxiety-related and obsessive-compulsive disorders in cats. N. 10 March 2008. Volume76, Issue5.May 1998. Pages 317-321
- ELLIS S. L. H. RODAN I. CAMEY H. C. HEATH S. AAEP and ISFM Feline Environmental Needs Guidelines. *Journal of Feline Medicine and Surgery* (2013) 15, 219-230.
- BUFFINGTON T. Multimodal environmental modification (MEMO) for prevention and treatment of disease in cats: part 1. *Feline Focus* 1(8). 275.
- BUFFINGTON T. Multimodal environmental modification (MEMO) for prevention and treatment of disease in cats: part 2. *Feline Focus* 1(9). 311.
- MERTENS, P. A. TORRES S. JESSEN C. The Effects of Clomipramine Hydrochloride in Cats With Psychogenic Alopecia: A Prospective Study Available to Purchase. *J Am Anim Hosp Assoc* (2006) 42 (5): 336-343.
- https://static-content.springer.com/esm/art%3A10.1038%2Fs41598-019-55693-8/MediaObjects/41598_2019_55693_MOESM1_ESM.pdf

Julyenne Christynne Escrivani Frasnelli, médica-veterinária pós-graduada em Medicina Felina pelo Qualittas, veterinária Cat Friendly pela AAEP, profissional certificada Fear Free Professional, certificada em comportamento felino avançado pela ISFM, mestre pela UFSCar e docente de pós-graduação em Medicina Felina.
E-mail: julyennece@gmail.com

MAL COMPREENDIDOS, MAS INDISPENSÁVEIS AO ECOSSISTEMA



► STEPHANY ROCHA RIBEIRO

A pesar de frequentemente serem vistos como pragas ou ameaças, os gambás são, na verdade, grandes aliados da natureza e essenciais para o equilíbrio ambiental.

Conhecer os hábitos e a importância da espécie é fundamental para compreender que esses discretos mamíferos, muitas vezes ignorados ou temidos, são peças-chave na manutenção dos ecossistemas.

Os gambás são mamíferos do gênero *Didelphis*, pertencentes à ordem Didelphimorphia. Embora pertençam a grupos taxonômicos diferentes, eles são marsupiais, assim como os cangurus e os coalas.

Isso significa que, após o nascimento, os filhotes migram para uma bolsa externa presente nas fêmeas, chamada marsúpio, onde permanecem até completarem o seu desenvolvimento.

Sua anatomia óssea se assemelha à de outros mamíferos, exceto pela presença dos ossos epipúbicos, e acredita-se que uma de suas funções esteja relacionada à proteção do marsúpio.

O nascimento dos filhotes coincide com a época mais favorável do ano – a primavera – devido às condições climáticas e à maior disponibilidade de alimento. Por isso, esse período ficou conhecido como “época de filhotes” entre biólogos, médicos-veterinários e tratadores que trabalham com animais silvestres.

Existem seis espécies descritas no continente americano, quatro delas ocorrem no Brasil e estão presentes em todos os biomas e regiões. São encontrados do sul do Canadá ao sul da Argentina e o gambá-da-Virgínia (*Didelphis virginiana*) é a única espécie com ocorrência em regiões temperadas da América do Norte.

Possuem hábitos solitários, arbo-

rícolas, predominantemente noturnos e, ocasionalmente, crepusculares. Têm alimentação variada, sendo considerados oportunistas e generalistas.

Esses animais contribuem ativamente para o equilíbrio ecológico, desempenhando um papel importante como dispersores de sementes – atuando no reflorestamento – e controladores de pragas, já que se alimentam de insetos e animais peçonhentos. Além disso, auxiliam na “limpeza” do meio ambiente ao se alimentarem de carcaças.

Os gambás também participam da epidemiologia de diversas doenças parasitárias, atuando como reservatórios e disseminadores de parasitas, como artrópodes, helmintos e protozoários.

Devido às alterações ambientais – como a destruição dos habitats naturais e a expansão desordenada dos centros urbanos – muitos animais silvestres acabam se aproximando das cidades em busca de abrigo e alimento.

Os que conseguem se adaptar a viver em ambientes modificados pelo ser humano são chamados de “animais sinantrópicos”. Essa aproximação aumenta o contato entre a fauna silvestre, os animais domésticos e as pessoas, o que pode facilitar a disseminação de patógenos zoonóticos.

As atividades humanas que causam danos ao meio ambiente também impactam a epidemiologia das doenças infecciosas ao alterar a distribuição geográfica dos vetores responsáveis pela transmissão de patógenos.

Os gambás sofrem considerável pressão antrópica e, devido à sua capacidade de adaptação, são comumente encontrados em ambientes urbanos e periurbanos, como telhados e quintais, onde acabam sofrendo ataques de animais domésticos e das próprias pessoas. Por isso, estão entre as espécies mais frequentemente resgatadas em centros de triagens e conservação de fauna silvestre.

Rotular os gambás como ameaça é esquecer que a presença deles nas cidades é um reflexo direto das transformações impostas pelo homem à natureza. Somos nós que invadimos seus habitats naturais e os deixamos desabrigados,

obrigando-os a se deslocar para centros urbanos em busca de abrigo e alimento.

A adaptação desses animais a tais ambientes revela, ao mesmo tempo, a resiliência da espécie e o desequilíbrio que causamos ao meio ambiente. ■

Referências

- Bezerra-Santos MA, Ramos RAN, Campos AK, Dantas-Torres F, Otranto D. *Didelphis* spp. opossums and their parasites in the Americas: A One Health perspective. *Parasitol Res.* 2021;120(12):4091–4111. <https://doi.org/10.1007/s00436-021-07072-4>
- Carvalho BM, Perez LP, Oliveira BFA, Jacobson LSV, Horta MA, Hacon SD. Doenças transmitidas por vetores no Brasil: mudanças climáticas e cenários futuros de aquecimento global. *Sustainability in Debate.* 2020;11(3):383–404.
- IUCN Red List of Threatened Species. *Didelphis* spp. [Internet]. Cambridge (UK): IUCN; acessado em 25 nov. 2025. Disponível em: <https://www.iucnredlist.org/search?taxonoms=124980&searchType=species>
- Khasnis AA, Nettleman MD. Global warming and infectious disease. *Arch Med Res.* 2005;36(6):689–696. <https://doi.org/10.1016/j.arcmed.2005.03.041>
- Nascimento CC, Horta MC. *Didelphimorphia* (Gambá e Cuica). In: Cubas ZS, Silva JCR, Cattão-Dias JL, editors. *Tratado de animais selvagens: medicina veterinária*. 2nd ed. São Paulo: Roca; 2014. p. 761–788.
- Rabelo EML. Vetores e doenças parasitárias emergentes no Brasil. Brasília: Embrapa; 2014.
- Ribeiro SR. Investigações de Babesia, Hepatozoon e Ehrlichia em gambás (*Didelphis* sp.) de vida livre do Estado de São Paulo, Brasil [Dissertação de Mestrado]. Botucatu: Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade Estadual Paulista (UNESP); 2024. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11449/257993>
- Rossi RV, Bianconi GV, Pedro WA. *Ordem Didelphimorphia*. In: Reis NR, Peracchi AL, Pedro WA, Lima IP, editors. *Mamíferos do Brasil*. Londrina: UEL; 2006. p. 27–66.

Stephany Rocha Ribeiro, graduada em Medicina Veterinária pela Universidade Santo Amaro (UNISA), possui mestrado acadêmico em Animais Selvagens pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) e especialização em Manejo e Conservação da Fauna Silvestre pela UNISA. Atua na área de clínica médica e internação de pets não convencionais. Também é revisora de artigos científicos da Revista Medicina Veterinária UFRPE e membro ativo da Associação Brasileira de Veterinários de Animais Selvagens (ABRAVAS)

A SAÚDE COMEÇA PELO BÍCO

MANEJO NUTRICIONAL É FUNDAMENTAL PARA GARANTIR LONGEVIDADE E VIDA SAUDÁVEL PARA AS AVES

» **DANIELLE ASSIS**

danielle@dc7comunica.com.br

A nutrição é a base da saúde de todas as espécies, incluindo as aves. Assim como acontece com cães e gatos, os cuidados com a alimentação desses animais devem ser individualizados e respeitar o estágio de vida, variando entre filhotes, adultos e idosos.

Conforme explica o médico-veterinário e presidente da Associação Brasilei-

ra de Medicina Veterinária em Pets Não Convencionais (ABVPETS), José Manuel Pedreira Mourão, são necessários anos de estudos para ser assertivo na prescrição de alimentos para as aves. “Existem aves granívoras, frugívoras, insetívoras e até carnívoras. Felizmente, no mercado já há rações de alta qualidade disponíveis para algumas espécies, o que facilita muito a indicação correta e diminui

problemas com desnutrição”, pontua.

Para evitar erros no manejo nutricional da espécie, o profissional oferece algumas dicas. Dentre elas, escolher uma marca de referência, utilizar alimentos variados para atender as necessidades nutricionais de cada ave e avaliar a forma e tipo do alimento, visando auxiliar no enriquecimento ambiental. Além disso, é essencial evitar alimentos tóxicos e muito calóricos, como abacate, café, chocolate, cebola, alho, pão, leite e derivados.

ENTENDENDO AS ALTERNATIVAS. Há uma ampla variedade de alimentos comerciais para aves domésticas. De forma simplificada, as alternativas podem ser divididas em extrusadas e granuladas, sendo que o que as difere é o processo de desenvolvimento.

Segundo o médico-veterinário, os alimentos extrusados são mais modernos e a sua forma de produção facilita muito a entrega de nutrientes.

“Inclusive, estudos mais modernos já vêm demonstrando ótimos resultados do ponto de vista nutricional para este formato de alimento”, relata.

As rações granuladas, por sua vez, passam por um processo de cozimento menos complexo, no qual os ingredientes são apenas compactados em grânulos, responsáveis por conferir o seu formato. Devido a esse processamento térmico menos intenso, a digestibilidade é considerada menor.

COMPOSIÇÃO NUTRICIONAL. Por mais que a indústria de alimentos para aves esteja cada vez mais evoluída, José pontua que poucas são as espécies de aves capazes de se beneficiar com a ingestão de um único alimento pronto.

“Com isso, algumas espécies podem receber mais de um tipo de alimento industrializado, como ração extrusada, farinhada e produtos desidratados ou guloseimas. Para complementar, a oferta de alimentos *in natura* funcionais é sempre bem-vinda e, citando o enriquecimento nutricional, a forragem também deve ser lembrada”, informa.

Outro ponto importante é que a composição ideal dos alimentos prontos é, tecnicamente, única para cada espécie.

Mouriño também pontua que, mesmo a indústria entregando produtos bem próximos do ideal para as aves,



Para **José Manuel Pedreira Mouriño**, a avaliação dos resultados nutricionais deve ser acompanhada de perto por médicos-veterinários especializados

pode ser realizada a adição de suplementos. Porém, esta deve ser estratégica e voltada para reais necessidades.

“Os suplementos são recomendados para situações de estresse, como período de reprodução, viagens e competições, mudanças bruscas na ambientação e em quadros de doenças. As vitaminas também são indicadas juntamente com outros suplementos, como fibras, prebióticos, probióticos, parabióticos ou simbióticos, com a finalidade de melhorar o microbioma gastrointestinal”, cita o profissional.

MANEJO NUTRICIONAL NA PRÁTICA.

Para evitar problemas como desnutrição ou excesso de peso, o manejo nutricional de aves deve ser realizado da forma correta. Conforme José, a quantidade de alimento é calculada espécie a espécie e levando em consideração a fase de vida, tipo de ambientação e se o animal está em período de reprodução ou não. “Durante a reprodução é crucial fazer ajustes na dieta. Tanto

este momento, quanto o inverno, exigem dietas com densidade energética adequada uma vez que o gasto de energia sobe significativamente”, comenta.

Mesmo com todos os cuidados e ajustes, é preciso acompanhamento especializado para analisar como está a saúde nutricional desses animais. “Avaliação dos resultados nutricionais deve ser acompanhada de perto por médicos-veterinários especializados ou por medidas zootécnicas bem específicas”, relata.

DESNUTRIÇÃO REQUER ATENÇÃO. Caso ocorram erros na nutrição dos animais alados, pode ocorrer desnutrição, que exibe diferentes sinais. Os mais comuns são baixa produtividade reprodutiva ou ausência desta, qualidade de penas ruins, fezes com escores baixos, desenvolvimento de doenças oportunistas e de repetição e alterações respiratórias, oculares, ortopédicas e até neurológicas.

“Muitas enfermidades em aves podem ficar mascaradas por um longo período ou se manifestar de forma a mimetizar doenças com sinais inespecíficos, como penas eriçadas e prostração”, esclarece o profissional.

Por isso, é fundamental que os médicos-veterinários instituem um plano de diagnóstico minucioso para assegurar uma abordagem precisa e resultados satisfatórios. O especialista explica que uma boa anamnese combinada com exame clínico e alguns exames laboratoriais podem apontar para deficiência nutricional. Além disso, a depender da dieta fornecida, esse diagnóstico é mais simples.

“O veterinário deve sempre conhecer os produtos disponíveis no mercado e saber fazer escolhas que façam sentido caso a caso. Uma mesma espécie de ave pode ter necessidades diferentes de acordo com a avaliação especializada. Portanto, devemos lembrar que a manutenção da massa muscular é a base para uma boa saúde e ajuda no metabolismo de todos os animais”, finaliza. ■

ALGUMAS ESPÉCIES DE AVES PODEM RECEBER MAIS DE UM TIPO DE ALIMENTO INDUSTRIALIZADO, COMO RAÇÃO EXTRUSADA, FARINHADA E PRODUTOS DESIDRATADOS



VMX 2026

CÃES&GATOS ALÇANDO VOOS INTERNACIONAIS

» DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br

De 17 a 21 de janeiro, a cidade de Orlando (FL), nos Estados Unidos, reuniu médicos-veterinários de todo o mundo para uma verdadeira imersão nos temas mais atuais da Medicina Veterinária.

A Veterinary Meeting & Expo (VMX) 2026, consagrada como a maior feira do setor no globo, existe há 46 anos e nesta edição contou com uma programação científica, que ofereceu mais

de 1.000 horas de educação continuada, entre palestras in loco e virtuais.

Simultaneamente aos conteúdos técnicos, os cerca de 29 mil participantes puderam conferir a VMX Expo Hall, um espaço com expositores do ramo veterinário apresentando seus principais produtos e lançamentos. Mais do que conhecer as novidades, a Expo Hall se consagrou como uma área para troca de experiências e networking.

“Neste ano, tivemos o maior pavilhão de exposições já realizado, aumento no

número de palestrantes, adição de um lounge virtual de aprendizagem, inclusão de três teatros de aprendizagem e abertura antecipada da área de exposição. Também fizemos a adição de um palestrante principal de encerramento, implementamos o aprendizado híbrido e criamos o “Birds of a Feather” — um conceito destinado a conectar participantes com outros profissionais para troca de melhores práticas, mentoria e networking”, contou Joe Sorrentino, chief events officer da North America North American Veterinary Community (NAVC), instituição que organiza o evento.

Outra novidade da VMX 2026 foi a presença do ator John Travolta, que participou da cerimônia de abertura, dando um toque a mais de animação aos participantes.

PROGRAMAÇÃO CIENTÍFICA. Diferentemente de muitos congressos, o evento não teve como foco apenas conteúdos pertinentes a clínica médica e cirurgia de pequenos e grandes animais.

Sua grade de palestras foi além do que muitos profissionais estão acostumados e contou com discussões a respeito da Medicina Veterinária de animais silvestres e exóticos, assuntos que envolvem a gestão de clínicas de veterinárias e a atuação dos profissionais durante a rotina de trabalho.

“Temos um comitê de programação composto por especialistas do setor, que trabalha em estreita colaboração com a Diretora Veterinária da NAVC, Dana Varble e sua equipe, para selecionar os temas das sessões e workshops”, explicou Sorrentino. Com isso, dentre os assuntos abordados neste ano estiveram inteligência virtual e telemedicina, marketing para clínicas e hospitais e até como lidar com impas-

ses entre a equipe médica veterinária. Durante os cinco dias de evento, a Cães&Gatos acompanhou de perto a programação científica e trouxe um resumo dos principais conteúdos e palestrantes.

DILEMAS ÉTICOS. A Medicina Veterinária está mudando, o que exige dos médicos-veterinários a necessidade de atualização constante, inclusive no que diz respeito à ética profissional.

Dois temas abordados na VMX 2026 envolvem justamente essas questões: o emprego da telemedicina na prática clínica e a eutanásia nos animais de companhia. A telemedicina veterinária está em franca expansão no mundo e, para discutir todos os seus aspectos, a médica-veterinária e docente de telemedicina na Faculdade de Medicina Veterinária e Ciências Biomédicas da Universidade Texas A&M, Lori Teller, trouxe as vantagens, desvantagens e aplicabilidades da ferramenta.

Segundo Teller, o maior risco da telemedicina é a falha ou atraso no diagnóstico. Mas existem outras preocupações, como equidade e acessibilidade; prescrição excessiva ou inadequada de medicamentos (especialmente antibióticos e analgésicos); falha na continuidade do cuidado; e confiabilidade da tecnologia, visto que nem todos têm acesso à internet estável.

Por outro lado, entre os benefícios apontados estiveram apoio à distância em surtos de doenças; possibilidade de triagem adequada; redução da sobrecarga de clínicas de emergência; acompanhamento de doenças crônicas; monitoramento remoto de animais de produção; e redução da ansiedade do responsável pelo paciente.

Cerca de 29 mil participantes puderam conferir a VMX Expo Hall, um espaço com expositores do ramo veterinário



COMO NA MEDICINA HUMANA

Muitos princípios relacionados a ética utilizados na telemedicina veterinária foram adaptados da Medicina Humana. Os principais são:

Autonomia: direito de escolha e consentimento;

Beneficência: agir sempre no melhor interesse do paciente;

Não maleficência: não causar dano ao paciente e nem à sociedade;

Justiça distributiva: equidade no acesso e uso dos recursos.

Já a discussão sobre eutanásia foi ministrada por Kathleen Cooney, médica-veterinária que há cerca de duas décadas atua exclusivamente no setor de cuidados paliativos e eutanásia.

De acordo com a profissional, os dilemas éticos relacionados a eutanásia surgem quando é solicitado ao médico-veterinário a realização — ou a não realização — de algo que contraria seus valores, princípios ou julgamento clínico. Isso pode acontecer em casos de eutanásia considerada precoce e manutenção de tratamentos que prolongam o sofrimento do paciente, por exemplo.

Para tentar minimizar ao máximo os embates podem ser empregados os 14 componentes essenciais da eutanásia, desenvolvidos por Kathleen

Cooney para a Companion Animal Euthanasia Training Academy (CAETA).

Além disso, a decisão pela eutanásia não deve ser tomada apenas pelo responsável ou o profissional que está acompanhando o caso. Pelo contrário, ao optar pela sua realização devem ser levadas em consideração todas as partes envolvidas, desde o paciente até os seus familiares, cuidadores e o próprio médico-veterinário.

INCONTINÊNCIA URINÁRIA EM DESTAQUE. A programação científica da VMX 2026 contou com diferentes palestras abordando as afecções do sistema urinário de cães e gatos.

O manejo da incontinência urinária foi um dos temas abordados por Laura A., médica-veterinária certificada em Small Animal Internal Medicine pela University of Missouri. Essa condição pode ter diferentes causas, sendo considerada desafiadora para médicos-veterinários e responsáveis.

Dentre os principais distúrbios associados estão os relacionados a fase de esvaziamento e desencadeados por alterações que levam a retenção de urina, fazendo com que o animal não esvazie completamente a vesícula urinária durante a micção. Além disso, existem fatores anatômicos que podem levar a incontinência. Laura comentou que, geralmente, os animais com a condição possuem uretra relativamente curta e bexiga em posição mais caudal, sendo a afecção mais comum em fêmeas do que em machos.

“Para que um paciente seja continente, ele precisa ter boa complacência vesical, tônus uretral adequado, anatomia normal dos ureteres »



(sem ureter ectópico) e controle neurológico normal da bexiga e da uretra. Se a pressão intravesical superar a pressão uretral, ocorre a micção — o que é normal quando o animal decide urinar. Porém, há fatores que fogem ao controle consciente, especialmente quando existem anomalias anatômicas”, explicou.

A partir do diagnóstico deve ser estabelecida a terapia, existindo algumas possibilidades de tratamento, especialmente para animais com Incompetência do Mecanismo do Esfíncter Uretral Canino (USMI). A primeira escolha é o tratamento medicamentoso, que tem como foco aumentar o tônus uretral. Dois fármacos são recomendados: fenilpropanolamina e/ou estrogênios. Ambos podem ser administrados juntos ou separados e seu efeito máximo leva até 40 dias para ser visualizado.

Se não houver resposta adequada, estão disponíveis técnicas cirúrgicas, como a aplicação de injeções de colágeno através da cistoscopia para diminuir os “escapes de urina”, e a inserção de um esfíncter uretral, alternativa mais realizada em animais jovens.

CIRURGIAS MINIMAMENTE INVASIVAS.

As cirurgias minimamente invasivas são uma tendência na Medicina Veterinária, conferindo menos risco cirúrgico e recuperação mais rápida aos pacientes.

No terceiro dia da VMX 2026, Laura Nafe, médica-veterinária especializada em doenças infecciosas de peque-

nos animais, discutiu as alternativas cirúrgicas para a remoção de urólitos em cães e gatos. Para a veterinária, o grande risco das cirurgias abertas no sistema urinário é o comprometimento anatômico, que pode favorecer novas formações de cálculos.

Os urólitos são estruturas mineralizadas, que podem ser formadas a partir de diferentes componentes orgânicos e inorgânicos. Os urólitos de estruvita estão, frequentemente, associados a infecções do trato urinário, principalmente em cães, permitindo a sua dissolução clínica. No entanto, os urólitos de oxalato de cálcio são mais desafiadores e não respondem a protocolos de dissolução, tendo elevada taxa de recorrência.

Muitas vezes, para solucioná-los é optado pela cistotomia, que possui certas limitações. Dentre elas, o fato de as suturas vesicais poderem atuar como pontos de nucleação para novos cálculos, e o aumento do risco de inflamação crônica. “Cada sutura deixada na bexiga pode se tornar um ponto inicial para a formação de outro urólito”, citou.

Os procedimentos que envolvem os ureteres também foram abordados durante a palestra e a especialista alertou para o risco de estenoses pós-operatórias e comprometimento permanente do fluxo urinário.

Nesses cenários as cirurgias minimamente invasivas se destacam, dentre elas, a hidropulsão miccional. Essa técnica, considerada acessível e eficaz,

é indicada, principalmente, para cães machos de pequeno porte que apresentem cálculos vesicais com diâmetro entre dois e 2,5 mm. “Quando removemos cálculos pequenos precocemente, evitamos cirurgias repetidas ao longo da vida do animal”, afirmou a palestrante.

Outra opção abordada por Laura é a cistoscopia, que permite a remoção direta dos cálculos por captura ou a fragmentação por litotripsia a laser.

Há também a cistolitotomia percutânea (PCCL), classificada como uma alternativa intermediária entre a cistotomia aberta e a cistoscopia. Esta técnica possibilita melhor visualização da vesícula urinária, menor trauma tecidual e recuperação mais rápida, sendo especialmente útil em machos e em pacientes com múltiplos urólitos.

“Não existe uma única técnica ideal para todos os casos. O sucesso do tratamento está em conhecer as opções e individualizar a abordagem”, ressaltou. ■

PRÓXIMA EDIÇÃO

Ao final do evento, a VMX 2027 foi anunciada. Prevista para acontecer de 17 a 20 de janeiro, a próxima edição já está com inscrições abertas e nessa fase os participantes podem se inscrever com um valor promocional.



Não pode. Justiça seja feita para quem matou Orelha!

■ COAUTORA: ANA PURCHIO

Fiquei indignado com a notícia sobre o Orelha, um cão de cerca de 10 anos, que vivia no Norte de Florianópolis e era cuidado pelos moradores da região. Dócil e brincalhão, Orelha foi morto a pauladas, agredido por adolescentes em Praia Brava.

A região conta com três casinhas destinadas aos animais comunitários, e o cachorro convivia diariamente com moradores e com outros cães do bairro. Orelha foi encontrado no dia 15 de janeiro agonizando por moradores, que o levaram a uma clínica veterinária, mas acabou sendo submetido à eutanásia devido à gravidade dos ferimentos.

Segundo a médica-veterinária Fernanda Oliveira, que acompanhava o animal, Orelha era “sinônimo de alegria” e fazia sucesso com os turistas. Não havia um único responsável pelos custos, mas Orelha nunca ficou sem atendimento veterinário e a médica tinha liberdade para fazer protocolos de vermifugação, vacinas e consultas sempre que necessário. Os moradores passavam depois para acertar os valores.

A Polícia Civil identificou pelo menos quatro adolescentes suspeitos de

participação nas agressões e está cumprindo mandados de busca e apreensão em endereços ligados aos investigados.

Desde a morte, o caso tem mobilizado moradores da Praia Brava, organizações de proteção animal, celebridades e autoridades públicas em Santa Catarina. Foi em 17 de janeiro que os moradores da região realizaram uma primeira mobilização pública, que voltou a se repetir em 24 de janeiro, reunindo dezenas de pessoas

que prometeram que a morte de Orelha não vai ficar em vão.

Mas o que fica para todos é uma lição. Por que adolescentes se acham no direito de maltratar um animal indefeso? Qual é a educação que esses jovens recebem dos pais? Acredito que eles não só de-

vem ser punidos, como devem prestar serviços à sociedade e em locais onde tenham de cuidar dos animais para nunca mais cometerem tamanha atrocidade! ■

O CASO TEM MOBILIZADO MORADORES, ORGANIZAÇÕES DE PROTEÇÃO ANIMAL, CELEBRIDADES E AUTORIDADES PÚBLICAS

Acompanhem os moradores e internautas em protestos e homenagens ao cão Orelha nas redes sociais hashtag **#JustiçaPorOrelha**.

José Luiz Tejon é doutor em Educação pela Universidad de La Empresa/Uruguai, mestre em Educação Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie, jornalista e publicitário, com especializações em Harvard, MIT e PACE/USA e Insead na França. Colunista da Rádio Eldorado e Estadão On-line, autor e coautor de 35 livros. Coordenador acadêmico de Master Science Food & Agribusiness Management pela Audencia em Nantes/França e FECAP/Brasil. Professor convidado na FGV In Company, FIA/USP e INSPER. Sócio Diretor da Biomarketing e da TCA International. Ex-diretor do Grupo Estadão, da Agrocere e da Jacto S/A.

Ana Purchio é jornalista, pós-graduada em mídias sociais pelo Senac e cursando Psicologia. Trabalhou no jornal O Estado de S. Paulo, na Agência Estado, na Associação Brasileira de Agronegócio (ABAG) e atualmente é assessora de imprensa da TCA Internacional e Assessora de Comunicação da Convergência Comunicação Estratégica.

■ JULHO DOURADO

MAIS UM PASSO PARA O BEM-ESTAR ANIMAL

O ANO de 2026 começou com boas notícias. No início de janeiro, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a Lei nº 15.322/2026, que institui a campanha Julho Dourado.

A campanha tem diversos objetivos que visam o bem-estar animal. Dentre eles, está a promoção de ações que proporcionem qualidade de vida aos animais domésticos e de rua e incentivo à adoção de pets abandonados.

Também está previsto na proposta a viabilização de palestras, seminários, mobilizações e outras atividades para sensibilizar a população sobre a importância de medidas preventivas de zoonoses, além da promoção de educação quanto ao zelo para com os animais domésticos e de rua.

Outros objetivos citados na legislação são contribuir para a melhoria dos indicadores relativos à saúde dos animais domésticos e de rua e ampliar o nível de resolutividade das ações direcionadas a essa finalidade.

Para isso devem ser executadas atividades de integração entre a população, os órgãos públicos e privados e as organizações não governamentais que atuam na área de defesa animal.

A recente sanção presidencial incentiva a iluminação ou decoração da parte externa de prédios públicos e privados com luzes ou faixas na cor dourada durante o mês de julho, visando dar mais visibilidade à medida.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), estima-se que no Brasil existam mais de 30 milhões de animais abandonados, sendo cerca de 10 milhões de gatos e 20 milhões de cães. Por isso, a elevada importância dessa nova legislação.

Logo, a campanha Julho Dourado visa enfrentar o cenário de abandono, maus-tratos e negligência contra animais. ■



Cardisure

Pimobendan

Tratamento da insuficiência
cardíaca congestiva canina



SmartTab

Tecnologia para
facilitar a divisão
de comprimidos.

Palatável
sabor carne



Flexibilidade
na dosagem



Dechra

A coceira excessiva tem tirado a paz dos seus pacientes?

Conheça Zenrelia™
e faça parte da

geração **ZEN**



“ Eu acho que todo mundo
precisa tentar mudar para
o **Zenrelia™**. Experimentar
e usar. Com certeza, vai
ter uma boa resposta. ”

Dra. Jenny Kawasaki
Médica-veterinária especializada
em dermatologia veterinária



Veja os
depoimentos
de quem já
vive essa paz.

Com **Zenrelia™**,
tudo fica zen.